

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Investigações sobre a história, a geografia e o ensino geográfico no Jardim Arpoador/SP

Trabalho de Graduação Individual para obtenção do  
título de bacharel em geografia sob orientação de  
Sidneide Manfredini.

SÃO PAULO  
2022

## Sumário

Agradecimentos	3
Introdução	5
Capítulo 1 - Educação	11
1.1 - Considerações iniciais	11
1.2 - Ensino de geografia no Jardim Arpoador e região	12
1.3 - Referências e formas de pensar o ensino geográfico	14
1.4 Articulação entre o local e o global e a quebrada enquanto protagonista e objeto de estudo e reflexão	16
1.5 - Os estágios	19
1.6 - O trabalho de campo	21
1.7 Conclusão	23
Capítulo 2 - Passado	25
2.1 Histórico de Ocupação da Região: A Rodovia Raposo Tavares no contexto da década de 20 e 30.	25
2.2 Histórico de Ocupação da Região: Expansão a oeste, o Educandário Dom Duarte, agricultura familiar e as olarias	28
2.3 Caracterização da área de estudo	36
2.4 A importância da Igreja Católica no desenvolvimento urbano da região	41
2.5 Crescimento do bairro a partir da Raposo Tavares	43
2.6 Auge do crescimento urbano	46
2.7 - Presente	51
Capítulo 3 -Possibilidades	
3.1 - Bases curriculares	70
3.2 - Para além da base	77
3.3 Conclusão: Geografia escolar, geografia cotidiana, cidadania e aquilombamento	81
Anexo - Exercícios de percepção da paisagem	84
Bibliografia	94

## Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Sidneide Manfredini pela paciência, acolhimento e cuidado manifestados durante a escrita deste trabalho. Admiro muito a forma como você pensa a geografia, em toda a sua amplitude. Agradeço muito pelas broncas e desafios.

Agradeço à minha mãe, Viviane, professora, por ter me permitido chegar até aqui, por ter me ensinado o valor da humildade e do altruísmo, do conhecimento e da educação, por ter me guiado, com emoção, pelos caminhos da razão.

Agradeço à minha ancestralidade materna, baiana, carioca e pernambucana, entrecruzada nos morros do Tucuruvi.

Agradeço a meu pai, João, pescador, por ter me ensinado o valor da humildade e da prosa, da contação de histórias e do conhecimento popular, por ter me guiado, com razão, pelos caminhos da emoção.

Agradeço à minha ancestralidade paterna, mineira e paraibana, entrecruzada na Ilha de Paquetá/ RJ

Agradeço à minha companheira Amanda, por ter me aguentado nos momentos difíceis, me perdoado, me apoiado e me ensinado o valor do amor, me fazer a cada dia valorizar o presente, tornar-me uma pessoa melhor, amar e receber amor, e pelas contribuições no âmbito do feminismo e da fotografia para esse presente trabalho.

Agradeço à minha filha Tereza, a flor mais bela desse mundo, por me admirar como pai, por me preencher com esse amor puro e inocente e por me fazer acreditar e lutar por um futuro melhor para ela e para as novas gerações.

Agradeço à família que adquiri nesse caminho, sogra e sogro, cunhados, e todos os demais integrantes das famílias Oliveira, Gomes, Cruz, por confiarem em mim como pessoa.

Agradeço à minha vó, por todo o amor derramado, pelas risadas, e pelas suas últimas palavras direcionadas a mim, 11 anos atrás. Nos momentos difíceis, sempre recorri a elas. Te amo, Betona.

Agradeço ao meu irmão, cozinheiro, por dispor das panelas e instrumentos para fazermos, juntos, esse virado, darmos essa virada. Agradeço por seguir na caminhada evolutiva comigo, ser meu cúmplice e confidente, ser meu pilar nesse processo de tomada de consciência.

Agradeço aos meus amigos, de fora e dentro da Universidade, por gostarem de mim do jeito que eu sou, pelos bons e maus momentos, pelas viagens, encontros e desencontros, enfim, por existirem e terem aparecido em minha vida.

Agradeço à Mãezinha Sonia Ishibashi, por sua humildade, por me ajudar a trazer à tona minha espiritualidade, e tornar-se uma grande mãe espiritual, amiga e confidente.

Agradeço a todos os meus mentores e guias espirituais, bem como os de todos os meus próximos, por sempre estarem ao meu lado, nos bons e maus momentos desta e de outras vidas.

Agradeço à minha ancestralidade indígena e negra, quilombola e tribal.

Agradeço ao casal Patrício e Ezilda pelo companheirismo, pela elucidação da memória do bairro e pela crescente intimidade e cumplicidade desses últimos anos.

Agradeço aos membros da Piraquê, por todos os momentos felizes em família que vivemos.

Agradeço ao casal Bruno e Hadassa e seu filho Raul, por serem meus melhores amigos, terem me dado força e/ou desconfiado de mim no momento certo. Amo vocês.

Agradeço a todos os moradores do Jardim Arpoador e região, em especial aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos os anônimos e anônimas que conheci em minhas andanças e derivas pela cidade de São Paulo e por outras cidades. Vocês são os personagens principais desse livro de literatura que venho escrevendo, chamado vida.

Agradeço a todos os meus ex-alunos e ex-alunas, alunos e alunas e seus familiares, por me ensinarem sobre a vida cotidianamente. Em especial ao Murilo e ao Felipe Patriota, que nunca se esqueceram de minhas aulas doidas no Jaraguá.

Agradeço, por fim, a você leitor, espero que este trabalho possa inspirá-lo a lidar com a importância de se compreender o lugar em que se vive, de lutar pela memória e pelo direito de fazer mais e mais perguntas.



## Introdução

*“Como um pássaro o tempo voa  
à procura do exato momento  
onde o que você pode fazer fosse agora”*

**Chico Science e Nação Zumbi - Um satélite na cabeça**

Durante o árduo percurso da graduação, muitas possibilidades de temas de estudo surgiram ao longo dos anos, estritamente relacionados a estudos teóricos compostos por conceitos inerentes à geografia, com diversos recortes espaciais, e bibliografia relacionada tanto a conteúdos da geografia humana, quanto a conteúdos lidos e debatidos em grupos de estudo, ambos de cunho crítico. Surgiram, pois, várias sementes de trabalho acadêmico científico, sob a luz do bacharelado. Entretanto nenhum deles germinou, pois sempre houveram indagações de minha parte, confusões mentais, dilemas e incômodos relacionados à minha trajetória pessoal, à estrutura do pensamento científico e o percurso trilhado na minha relação com a Universidade de São Paulo.

Desde antes da graduação, meu objetivo era lecionar, trabalhar com educação, em contato com crianças, jovens das novas gerações, no sentido em que sempre vi nesse ato uma possibilidade construtiva, mesmo que na dimensão mais micro - a da participação na formação de um ser humano, habitante de um mundo cuja lógica é desumana, em um cidadão que conseguisse refletir sobre seu entorno, perceber as nuances da reprodução do espaço urbano, a natureza escondida sob as edificações humanas e a relação dos homens com ela, interessar-se pelo conhecimento, desde o mais popular, ao científico. Desde cedo me propus a seguir esse caminho, mas cada vez percebia mais a distância entre o conteúdo do bacharelado e a quase nula habilitação proposta na licenciatura, e o ato de educar. A distância da teoria e da prática, da universidade e da cidade, parecia-me a distância entre a realidade e a ficção.

A Universidade de São Paulo representa um arquipélago dentro da cidade de São Paulo. Acessá-la é complicado, por inúmeros motivos sociais, históricos e geográficos. Os muros e guardas na porta, a desigualdade entre as classes, o vestibular elitista, a cruel realidade nacional constituída desde a formação do Brasil enquanto colônia impulsionada por violência e escravidão, a situação da educação pública, para citar alguns aspectos.

Tudo isso corrobora para que uma porção muito fértil, com imensa possibilidade de circulação de ideias e pensamentos, feche-se em si mesma, e constitua-se como arquipélago do desenvolvimento científico e acadêmico segmentado como fim em si mesmo.

Como trazer a universidade para a periferia? Como agir enquanto estudante da USP com relação a aplicação e difusão do conhecimento acadêmico na periferia? Qual é o sentido de registrar a história de um lugar, mergulhar na memória de sua constituição enquanto território da cidade de São Paulo? É possível fazer um trabalho de cunho participativo, colaborativo, permeado por conhecimento popular, histórias de vida e tom literário dentro da academia? É possível desviar o sentido de um trabalho final, tratá-lo como um início? A produção acadêmica precisa ser banal, -no sentido feudal do termo - ela própria representar um tributo ao status quo, ao reproduzir os moldes que ele próprio criou? Qual é o sentido de utilizar suas ferramentas se não para transformar a realidade? Essas e outras questões nortearam a presente produção acadêmica incessantemente.

Dentre os distritos que integram a subprefeitura do Butantã, onde localiza-se a USP, o que tem os maiores índices de vulnerabilidade social, é justamente o de Raposo Tavares, área mais periférica da subprefeitura, que compreende os bairros que margeiam a Rodovia Raposo Tavares, do final da Avenida Escola Politécnica até o km 20,5 onde a Rodovia é atravessada pelo Rodoanel, e o município chega aos seus limites territoriais, entre Osasco, Taboão da Serra e Cotia. Um dos bairros que fazem parte desse distrito é o Jardim Arpoador. Como morador da região, pude mergulhar com bastante intensidade nas memórias, na história de sua ocupação e em sua constituição geográfica. É possível adiantar que nada seria viável se não fosse o interesse da população em participar de um trabalho que propusesse registrar o passado, investigar o presente e refletir sobre o futuro. Na maioria esmagadora das vezes em que falei sobre o trabalho que estava disposto a fazer, recebi apoio por parte dos moradores e moradoras daqui.

A proposta é fazer com que o trabalho sirva para benefício da população da região, na medida em que analisar-se-á aspectos relacionados à ocupação do bairro, seu passado, histórica e geograficamente, bem como a tentativa de elucidar possibilidades de trabalho com geografia em sala de aula. Este trabalho pretende ser um início de algo, e poderá servir de suporte para os docentes e as escolas da região, no sentido de colaborar com um ensino de geografia que leve em conta as particularidades da região, sua constituição

histórico geográfica, articulando e relacionando características locais aos processos globais de produção do espaço. Já houve interesse por parte de educadores e coordenadores de algumas escolas da região analisada, de pensar em projetos a partir do conteúdo do trabalho, bem como interesse de espaços de resistência à desinformação e pessoas que se preocupam com a história e a memória, com a manutenção de uma relação respeitosa com a natureza, e após o processo de escrita, será feita uma divulgação desse trabalho aos interessados. Durante o processo de escrita, já foi possível articular situações em torno do conteúdo do trabalho, tanto em escolas, quanto nesses espaços de educação não formal. Na perspectiva do futuro, aulas públicas, intervenções urbanas, hortas coletivas, criação de situações, que divulguem a história e memória do lugar, no sentido de fortalecer os laços, entrelaçar os braços, contribuindo para a compreensão da lógica espacial e a construção da cidadania.

Se já é senso comum que há uma falta de articulação horizontal entre a academia e o cotidiano escolar, cabe aos estudantes da graduação fazerem uma investida para que se rompa essa barreira. É de suma importância colaborar para o desenvolvimento das práticas escolares que tangem o ensino de geografia, no âmbito de fortalecimento do bairro como território onde produzem-se cidadania e consciência histórico-geográfica, coletividade, troca de ideias, crítica da sociedade em crise, crítica ao patriarcado, ferramentas de suma importância na resistência à opressão do processo de reprodução ampliada do capital, que aparece na periferia como reprodução da violência, reprodução da alienação e da ignorância, da coisificação, da violência contra a mulher, reprodução de um urbanismo onde não há, de fato, direito à cidade.

A ideia, pois, será de, no primeiro capítulo, relatar as experiências de estágio, realizados em 2018, e também trazer algumas referências bibliográficas relacionadas à visão de ensino geográfico que buscou-se promover e observar se já é praticada. No segundo capítulo debruçarmo-nos sobre a geografia e história da região analisada, no que tange sua constituição espacial no contexto da urbe paulistana. A ideia é fazer um apanhado de mapas, fotos, particularidades, tanto de fontes acadêmicas, quanto da população local, ou ex-moradores. A utilidade dessa sistematização de informações é instrumentalizar os moradores, em especial os alunos, para a leitura geográfica do território a que a escola se insere. Muitos docentes não têm a mínima noção da história e geografia do bairro, devido aos critérios de atribuição de aulas não levarem em conta o

bairro em que residem, à dificuldade de acesso a documentação necessária, à base curricular que não garante profundidade na temática do lugar cotidiano, que não leva em conta as particularidades locais, bem como a falta de tempo e incentivo para planejamento e discussão.

No terceiro capítulo, partiremos para uma análise do panorama atual e das possibilidades de ensino, a partir de uma análise geográfica que tenha como ponto de partida a vivência cotidiana e as características peculiares dessa porção do território, com relação à cidade de São Paulo, a partir do que foi observado na investigação sobre o bairro e nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular.

Por fim, há anexos com exercícios de percepção da paisagem, frutos de toda a caminhada, conversas e trabalhos de campo realizados para conhecer cada pedaço da região. A ideia é consubstanciar o trabalho com uma visão menos acadêmica e mais literária, a partir do que foi colhido na interação entre o autor, os moradores, a paisagem, os trabalhos acadêmicos e as fontes de expressão cultural, periféricas ou não, que servem de inspiração para o autor desde antes do esboço deste trabalho. Esses textos também podem servir de inspiração para práticas pedagógicas, no sentido de uma geografia mais livre e articulada com outras áreas do conhecimento, como a língua portuguesa, a história e as artes.

“O sertão é do tamanho do mundo”, como afirmou João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, “o barro rodeia o mundo e a tevê não tem olhos pra ver”, como poetizou Chico Science, “periferia é periferia, em qualquer lugar”, como rimaram poeticamente os Racionais Mc’s. Essas inspirações permeiam o texto em muitos momentos, e inclusive em muitos subcapítulos será feita uma alusão a alguma fonte inspiradora das artes e da cultura. A mesma ideia, a de que há uma condição dialética, em que local reproduz o global constituindo-se sua parte, bem como seu simulacro, sob a mesma ótica periférica, pode ser dita, ou cantada, ou escrita, de diversas formas. Além do debate latente na geografia, sobre essa dialética entre local e global, lugar e cidade, explicar o todo a partir de suas partes, há aqui inspirações e homenagens inusitadas: João Guimarães Rosa, ao escrever sobre as relações humanas do sertanejo, conseguiu metaforizar a modernidade e suas relações; Francisco França, vulgo Chico Science, e o movimento manguebeat, ao falar da lama do mangue de Recife, traz uma perspectiva mundial da lama do capital, da pós-modernidade e da indústria cultural, o caranguejo com

uma antena fincada na lama; O rap - principalmente sob a figura do mitológico Sabotage, Criolo e também dos Racionais Mcs, entre tantos outros, faz constantemente a abordagem crítica de uma realidade específica, de um modo simples, e com isso relaciona as particularidades cotidianas com toda uma situação global de violência, desigualdade, miséria e pobreza nos centros urbanos; porque não tentar samplear, misturar bases, músicas antigas inspiradoras, o erudito e o popular, para criar uma nova música, como fazem os djs, e nutrir as diversidades, as diversas influências, inspirações, modos de se estudar uma realidade?

Qual é o lugar do jovem nesse território urbano periférico ao longo do tempo, levando em conta as drásticas mudanças que foram ocorrendo ao longo das décadas? O lugar comum, universal, da periferia - O plano B, que persiste pela falta de um plano A: o bar, a biqueira, a bíblia, a bola, o baile, a barbearia, dentre outros bês. Quando não há uma política social e cultural por parte da macropolítica, é notório que resta a aglutinadores culturais locais estabelecerem esse papel numa escala menor e as escolas podem promover a articulação entre esses atores e o corpo docente da escola, num processo de compreensão da realidade local, valorização do lugar em que se vive e aquilombamento.

O gérmen deste trabalho surgiu numa experiência alternativa promovida por mim num estágio da disciplina de Estágio Supervisionado no ensino de Geografia, ministrada por Eduardo Giroto, onde houve muito engajamento por parte dos alunos e foi reveladora acerca da estrutura da educação formal e seu desinteresse em promover novidades e mudar as velhas práticas verticais de transmissão de conhecimento. Será feita uma breve análise do jogo de xadrez por trás da Base Nacional Comum Curricular, novo documento referência para as grades curriculares da educação nacional, e suas derivações no âmbito estadual e municipal. Diante de um processo de imposição de retrocessos no âmbito da escola formal, da relação aluno x professor e da falta de importância dada à educação no presente e no futuro próximo, é preciso aquilombar-se e resistir, no sentido de fazer uma ligação entre as particularidades desta região periférica e os conteúdos pretendidos na base curricular.

É importante que se diga que a escrita deste trabalho iniciou-se em 2018 e, após várias idas e vindas, só foi finalizada em 2022, portanto muito do que foi observado diz respeito a um período pré-pandemia. Devido a este fato, também, vários registros do estágios acabaram se perdendo devido à perda de dados de um computador (fotos do

estágio e das atividades realizadas, por exemplo). Além disso, muita informação foi recolhida de maneira informal, como pesquisador residente, sobre a realidade cotidiana e a própria realidade da educação no bairro, seja nas efêmeras e compulsórias viagens de ônibus, nas idas às portas das escolas, nas favelas e bocas de fumo, em inúmeras derivas pelo bairro, no ato diário de morar.

Quais serão os limites do pensamento, da reflexão e da ação numa articulação entre o todo e suas partes? É possível “brincar” - pois tudo deve ter um fundo lúdico, inclusive a escrita compulsória de um TCC, para ser de fato realizador - com a relação entre a realidade periférica, mesmo que limitada a uma área de estudo, e os pressupostos educacionais geográficos nacionais, estaduais, municipais? De onde partir e para onde chegar? A realidade cabível ao Jardim Arpoador não é, em muitos aspectos, semelhante a outros lugares periféricos da Cidade, do Estado, do País, do Mundo? O processo de produção e reprodução do espaço urbano no extremo oeste da capital paulista não se relaciona intimamente ao próprio processo de produção da cidade? Como relacionar a Geografia e as geografias?

## Capítulo 1 - Educação

### 1.1 - Considerações iniciais

Desde antes de ingressar no curso de geografia, meu interesse sempre foi atuar com a educação. Em grande parte isto foi fomentado por uma professora de geografia que tive, pois sua forma de trabalhar com conceitos geográficos, seus debates em sala de aula e sua visão crítica me encantaram, em grande parte por seu esforço em conectar os conceitos e conteúdos da geografia com a realidade e o cotidiano. Na minha cabeça eu encontraria isso e muito mais na graduação. Quando ingressei na Universidade de São Paulo, entretanto, algumas diferenças com relação à expectativa e a realidade saltaram-me aos olhos. Apesar de uma considerável porcentagem dos graduados virarem professoras e professores, o bacharelado em geografia não necessariamente traz, na maioria das disciplinas, uma conexão clara entre a academia e as possibilidades no âmbito do ensino geográfico. Muitos dos debates, sobretudo relacionados às metodologias, escolas de geografia e a existência e crise da geografia enquanto ciência foram, sob meu ponto de vista, limitados a longos debates acadêmicos e ao âmbito da pesquisa, sem muitas possibilidades de estender-se sobre os currículos e formas de ensino e aprendizagem geográfica. A licenciatura, que poderia ser frutífera neste sentido, também mostrou-se desarticulada e insuficiente para transpor os conteúdos das disciplinas do bacharelado para o âmbito da realidade e do currículo escolar, em minha opinião. É importante frisar que esta introdução não possui qualquer valor científico ou empírico e está relacionada à minha trajetória dentro da Universidade, que foi marcada por bastante dificuldades e descontinuidades.

Apesar disso, minha vontade de virar professor manteve-se firme e surgiram oportunidades, sobretudo graças a algumas disciplinas e docentes, de discutir sobre educação e articular conhecimentos. Destaco aqui de mais significativo para mim a disciplina da Faculdade de História Escola no Mundo Contemporâneo, ministrada por Maurício Cardoso, o professor Eduardo Giroto e a disciplina Ensino de Geografia na Educação Básica (a única disciplina da Licenciatura que foi ministrada na Faculdade de Geografia), o LEMADI (Laboratório de Ensino e Material Didático) e a professora

Sidneide Manfredini, que, apesar de ministrar disciplinas do currículo de geografia física sempre permitiu bastante abertura nas aulas para discutirmos o ensino de geografia, bem como ajudou-me, como orientadora, na escrita deste TGI.

Graças a esses ambientes, docentes e disciplinas eu pude descobrir referências bibliográficas e bases metodológicas que me ajudam e ajudaram enquanto professor, bem como consegui ir desenvolvendo meu TGI a partir da pergunta **Qual é a realidade e quais são as possibilidades de ensino de geografia no Jardim Arpoador, na zona oeste de São Paulo?**

Se por um lado este processo de escrita foi pessoalmente bastante desafiador, e inclusive levou anos para ser concluído, por vários motivos que não precisam ser ditos aqui, por outro foi bastante prazeroso e significativo para mim poder escrever, pesquisar e investigar sobre o bairro na qual eu sou morador. O cotidiano passou a ser um extenso trabalho de campo e a cada conversa banal e corriqueira com moradoras e moradores pude ampliar os saberes sobre esta porção do território paulistano.

## 1.2 - Ensino de geografia no Jardim Arpoador e região

Apesar de residir no Jardim Arpoador desde 2015, foi a partir do segundo semestre de 2016 que eu comecei a me interessar e ter possibilidade de acompanhar o ensino de geografia do bairro, a partir de duas escolas - uma considerada, pelos docentes e por vários moradores do bairro, uma escola-problema (EMEF Daisy Amadio Fujiwara) e outra considerada a escola referência no bairro (EMEF João XXIII). Na época eu estava fazendo várias disciplinas da licenciatura que exigiam estágios e acabei aproveitando a oportunidade para solicitar acompanhamento nas aulas de geografia das duas escolas. Como eram vários estágios, acabei ficando um bom tempo acompanhando o cotidiano escolar destas duas instituições, sobretudo a primeira.

Com relação à EMEF Daisy Amadio Fujiwara, é importante ressaltar que ela é uma escola mais recente - foi construída na gestão da prefeita Marta Suplicy - e desde antes da sua inauguração ela apresenta uma série de complexidades que a acompanham até os dias de hoje. Em primeiro lugar, segundo moradores, ela foi construída em um barranco onde antes era uma parte da Favela da Juliante, e para sua construção foi necessário desocupar alguns barracos, o que já causou uma certa tensão, em meados de 2002/2003. Além disso,



a escola começou a apresentar problemas estruturais menos de dois anos depois de sua inauguração<sup>1</sup> e isso foi motivo de insegurança para familiares e moradores do entorno. Para além disso, a escola fica, como dito anteriormente, muito próxima à entrada de automóveis da Favela da Juliante, onde funciona um dos maiores, se não o maior, ponto de venda de drogas da região, que possui sistema de Drive-Thru, funciona 24 horas por dia e atende desde moradores do bairro até pessoas das classes médias e altas da região de Cotia e Embu das Artes. Apesar desta ser a realidade de muitas escolas da periferia de São Paulo, o fator complicador é que o espaço da escola, que possui grades quebradas que permitem o acesso de qualquer pessoa a qualquer momento do dia, é utilizado por olheiros do tráfico, pois é possível perceber, de dentro do espaço da escola, a aproximação de viaturas policiais ou carros suspeitos. Por fim, esta mesma grade aberta traz uma outra questão singular: a quadra da escola pode ser acessada e costuma ser utilizada, sobretudo aos finais de semana, pela população do bairro. Se por um lado isto é interessante, já que o bairro carece de espaços adequados para a prática de esportes e a escola possui uma quadra coberta, há relatos de diversas tensões entre professores de Educação Física da escola e a população, que inclusive já impediram a realização das aulas no espaço da quadra.

A EMEF João XXIII, por outro lado, é uma das escolas municipais mais antigas do bairro. Seu funcionamento começou em 1975 e dez anos depois ela inaugurou um novo edifício. Do ponto de vista de boa parte dos moradores da região é vista como uma das melhores escolas municipais do bairro e as matrículas lá são bastante disputadas. Ela fica localizada em uma região residencial de classe média e não tem que lidar com um entorno escolar problemático, como é o caso da EMEF Daisy Amadio Fujiwara. Muitas moradoras e moradores dizem que nesta escola estudam os filhos de vários chefes e integrantes do tráfico de drogas da região, mas este é um assunto meio velado dentro da própria instituição. Alguns professores dizem não saber, outros confirmam a versão e até contam relatos sobre situações que vivenciaram no passado e a diretoria não fala sobre o assunto. Talvez seja uma forma de dizer que a escola é uma referência na região ou apenas uma brincadeira, enfim, mas como não foi apenas uma ou duas pessoas que contaram isso ao longo dos últimos anos, acho que vale a menção ao fato.

---

<sup>1</sup> **Rachadura e Vazamento ameaçam escola inaugurada há 17 meses.** 10 de agosto de 2004. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1008200403.htm>

O fato é que estas duas instituições de ensino, tão próximas uma da outra, contrastam bastante em vários sentidos, sobretudo relacionados a alguns pontos específicos de minha busca e observação, a partir das referências bibliográficas e formas de pensar o ensino geográfico em um bairro periférico.

### 1.3 Referências e formas de pensar o ensino geográfico

As referências, não necessariamente apenas bibliográficas, que culminam nas formas de pensar e na prática do ensino geográfico presentes neste trabalho foram surgindo no meu escopo ao longo dos últimos anos, em diversos momentos.

O contato com Paulo Freire e seu método de alfabetização, além de sua visão sobre a educação, foram e são uma fonte de inspiração. A educação enquanto prática transformadora e libertadora, de tomada de consciência a partir do conhecimento e da valorização dos saberes, conhecimentos e mesmo palavras, no que toca os projetos de alfabetização de adultos propostos por ele, que tangem a realidade imediata e conhecimentos prévios das alunas e alunos, podem tornar-se pilares de uma proposta de ensino geográfico em bairros periféricos, na medida em que podem fortalecer o interesse por conhecer a história e geografia da própria quebrada, ao mesmo tempo em que trazem protagonismo à realidade imediata e ao cotidiano periférico. Como foi possível observar a partir da leitura da BNCC e dos estágios realizados, o ensino de geografia proposto pelos livros didáticos e por boa parte dos docentes que acompanhei claramente é algo que torna a geografia e os conhecimentos geográficos algo muito distante da realidade, cotidiano e interesses das alunas e alunos. Em boa parte do tempo era possível perceber esta distância, quase como uma constante legenda “isso não foi feito por você, nem para você”. A insistência pela decoreba, pelas aulas meramente expositivas, exaustivas cópias de lousa e pela falta de articulação entre os conceitos e conteúdos, aparentemente pensados por pessoas que pouco conhecem o cotidiano e necessidades de boa parte da população, e a realidade dos estudantes tenderam a minar a potência da geografia enquanto área do conhecimento no ensino básico. Neste sentido é que Paulo Freire foi uma grande referência.

Para além disso, o construtivismo enquanto corrente de pensamento e prática educacional e a teoria histórico-cultural de Vygotsky também colaboraram para alicerçar as

intenções deste trabalho. Pensar o desenvolvimento cognitivo a partir de fases, a educação enquanto uma relação entre sujeito e a realidade que o cerca, o professor enquanto mediador deste processo e a própria realidade e interações sociais como catalisadoras do desenvolvimento cognitivo podem ajudar bastante a repensar as práticas de ensino geográfico e refletir sobre a geografia não apenas como área do conhecimento, mas também como uma forma de entender a realidade, o espaço físico, a paisagem, as contradições, num processo inerente e constante de **alfabetização geográfica**, nas várias fases do desenvolvimento cognitivo. Assim como o processo de letramento possui vários momentos, mas não se limita ao aprender a ler e escrever, a relação entre o ser humano e sua realidade imediata também é um processo, e neste sentido a geografia e a história, dentre outras áreas do conhecimento, podem contribuir bastante.

Vale destacar também a importância da geógrafa Lana de Souza Cavalcanti, professora doutora da Universidade de Goiás, e de sua obra para este presente trabalho. A autora foi apresentada a mim nas aulas do Eduardo Giroto, a partir de conversas que aconteceram depois de um dos estágios realizados e foram o germen deste TGI. Na bibliografia que pude conhecer da autora, ela faz um movimento de pensamento bastante importante, transformador e potente para a prática docente em geografia. Além de enfatizar a importância da categoria cotidiano e da vida urbana, ela, a partir de sua própria prática, traz bastante protagonismo à articulação entre o local e o global, no sentido de que a geografia pode trazer ferramentas para que o estudante consiga entender a própria realidade que o cerca e, dialeticamente, compreender que isso também faz parte de um processo global, que extrapola o território da quebrada.

Por fim, uma emblemática frase de Yves de Lacoste, que conheci no primeiro dia do curso de geografia, fez muito sentido nestes últimos anos. “Saber pensar o espaço, para nele se organizar, para nele combater”. A compreensão da própria realidade e do lugar em que se vive é de suma importância para que possamos pensar em transformações nesta própria realidade. A geografia enquanto área do conhecimento e o ensino geográfico possuem grande potencial para a realização deste processo.

Antes de iniciar os estágios e a elaboração deste trabalho, foi necessário estabelecer alguns pilares, ou seja, pontos de sustentação do meu olhar para as práticas reais e as possibilidades de ensino geográfico. Estes pilares ajudaram a manter a atenção em pontos

que julgo serem cruciais no ensino geográfico, propriamente dito, e na escolarização no contexto da periferia, de forma mais ampla. São eles:

- 1) Articulação entre o local e o global e a quebrada enquanto protagonista e objeto de estudo e reflexão.
- 2) Trabalho de campo.
- 3) Relações étnico-raciais e antirracismo.
- 4) Compreensão da história e geografia do território.
- 5) Prática X Possibilidades.

O escopo dos estágios e da escrita deste trabalho tentaram girar em torno destes cinco pilares. Os três primeiros fazem parte deste primeiro capítulo, o quarto é o eixo principal do segundo capítulo e o quinto faz parte de uma reflexão final, na tentativa de amarrar o trabalho, presente no terceiro capítulo. É importante salientar que como a ideia deste trabalho é tentar contribuir de alguma forma, mesmo que singela, com ideias e reflexões, para o ensino de geografia no Jardim Arpoador e arredores - combinei com algumas pessoas que disponibilizarei ele para as equipes pedagógicas e também movimentos de moradores do bairro - a preferência é não citar nomes, para que não haja exposição. Vamos, então, aos três primeiros pontos.

#### 1.4 Articulação entre o local e o global e a quebrada enquanto protagonista e objeto de estudo e reflexão.

A articulação entre o local e o global no ensino de geografia pode ser definida enquanto uma relação dialética onde ambas as escalas interligam-se mutuamente. Compreender os fenômenos, relações e características do local e sua organização espacial podem contribuir para a compreensão dos fenômenos, relações e características globais e vice-versa. As contribuições de Cavalcanti (2010) são bastante valiosas neste sentido:

“Com a abordagem multiescalar, busca-se superar o tratamento dicotômico e excludente dos fenômenos em sua escala local ou global, como se uma dimensão não tivesse a ver com a outra.

Pretende-se também suplantar a conhecida abordagem dos círculos concêntricos, que vai do local ao global (...) Essa superação implica abordar o lugar de vivência imediata das crianças (casa, bairro, escola e seus elementos afetivos, subjetivos, empíricos) e, ao mesmo tempo, trabalhar com essas crianças, desde o primeiro ano, a idéia de que a configuração dos espaços que ela vivencia tem a ver também com a produção de espaços maiores (da cidade, do Estado ou País, ou de outro país). O “jeito” que eles vão tomando é resultado de um processo histórico e social mais amplo, do qual esses espaços fazem parte. Assim, respeitando-se o nível de abstração e cognição das crianças e jovens, sem dar definições formais de lugar ou de global, recomenda-se apontar evidências do lugar não só como localização de algo e como experiência cotidiana, familiar, identitária, mas também como instância que permite perceber diferenciações, fazer comparações e compreender processos que evidenciam as relações entre o local e o global.”<sup>2</sup>

Nesta passagem, a autora reafirma a urgência de superar uma lógica “evolutiva” em que a escala local aparece como etapa para a compreensão do global. Ambas as escalas são interdependentes e, neste sentido, não devem ser separadas. O/A professor/a de geografia, enquanto mediador/a<sup>3</sup> da relação entre os conteúdos desta área do conhecimento e os discentes, necessita, portanto, tentar estimular esta superação e incentivar esta perspectiva, este olhar. Além de precisar de condições favoráveis e de estimular que isso acontece, o professor, obviamente, precisa que os currículos nacionais, a equipe de coordenação e os livros e outros materiais didáticos deem respaldo e ferramentas para que o ensino de geografia no ensino básico mostre toda sua potência, em detrimento a um ensino maçante, repetitivo, expositivo e desestimulador.

Há, portanto, dois momentos importantes: a forma e o conteúdo. É possível perceber, como dito na afirmação anterior, que, por parte dos currículos, sobretudo a Base Nacional Comum Curricular, não há respaldo para que a escala local permaneça em evidência ao longo das etapas do ensino básico. Ela segue aparecendo nos anos iniciais e desaparece ao longo do decorrer do Ensino Fundamental, como se fosse algo menos importante e menor do que os

---

<sup>2</sup> A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos e alternativas. Anais do I Seminário nacional: Currículo em movimento. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>

<sup>3</sup> No artigo “COTIDIANO, MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DE CONCEITOS: UMA CONTRIBUIÇÃO DE VYGOTSKY AO ENSINO DE GEOGRAFIA”, de 2005, Cavalcanti faz uma aproximação entre os conceitos da teoria histórico-cultural de Vigotski e as possibilidades do ensino de geografia. Neste sentido, o professor de geografia aparece como um mediador da relação do aluno com a realidade e os conhecimentos geográficos, levando em conta que ele é um sujeito social que transforma a realidade e é transformado por ela.

conteúdos relacionados a uma escala global e os próprios conceitos das diferentes áreas da geografia enquanto ciência. Perde-se de vista a importância da realidade imediata no processo de ensino-aprendizagem. Este processo de hierarquização das escalas também interfere no lugar em que este sujeito-aluno se coloca diante dos conhecimentos geográficos, um lugar passivo, na medida em que o vivido por ele em sua relação com a realidade imediata não tem espaço dentro das aulas de geografia. De potencial protagonista, o aluno tende a ser um mero espectador de conteúdos distantes ou sem conexão com sua realidade. Este processo tende a aprofundar-se mais ainda quando tratamos das escolas na periferia, na medida em que boa parte dos estudantes pouco saem do próprio bairro e das regiões próximas, por inúmeros motivos. No caso da periferia, a necessidade de enfatizar a realidade local e sua relação com o global é ainda maior, mais significativa e transformadora. Os conhecimentos, o cotidiano, as relações e o vivido realizam-se quase que completamente no entorno da escola. Segundo Cavalcanti (2005), que já fez inúmeras propostas e análises do ensino de geografia na periferia de Goiânia:

Para analisar esse tema e refletir sobre o ensino de geografia, tenho partido de alguns pressupostos: na relação cognitiva de crianças, jovens e adultos com o mundo, o raciocínio espacial é necessário, pois as práticas sociais cotidianas têm uma dimensão espacial, o que confere importância ao ensino de geografia na escola; os alunos que estudam essa disciplina já possuem conhecimentos geográficos oriundos de sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido (...) o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a inter-relação (encontro/confronto) entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento (conteúdo escolar); nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem). (...) Em relação ao ensino de geografia, tenho insistido na ideia de que encaminhar o ensino sob essa orientação requer um olhar atento para a geografia cotidiana dos alunos. É no encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, que pressupõe a formação de certos conceitos científicos, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido. Esse entendimento implica ter como dimensão

O que buscou-se observar ao longo dos estágios realizados foi não só de que forma a geografia é trabalhada em sala de aula, mas também como é a relação entre a escola, a coordenação e os docentes com o território que os cercam, a comunidade escolar, os alunos e os moradores. Como apontado no início, as escolas analisadas possuem muitas diferenças entre si, e notadamente isso influenciou na experiência de cada estágio. A escolha por uma considerada escola-problema, uma outra instituição mais estruturada enriqueceu o trabalho e os olhares, já que trouxe à tona situações e experiências bastante diversas.

### 1.5 - Os estágios

A motivação principal para o início do estágio na EMEF Daisy Amadio Fujiwara foi a realização do estágio obrigatório da disciplina Estágio Supervisionado em Geografia e Material Didático, ministrada por Eduardo Giroto. Além das horas de observação, eu deveria planejar e aplicar uma sequência didática com uma duração que deveria ser combinada com o docente.

Além da escola ser bastante próxima de minha casa, conhecia por relatos de moradores e pela minha própria experiência cotidiana aspectos e situações que poderiam-na enquadrar na categoria “escola-problema”, como relatado no início do capítulo. Ao iniciar o estágio, fiquei surpreso com a forma efusiva na qual fui recebido e por uma notícia um tanto intrigante: ao menos para aquela equipe, eu era a primeira pessoa que pedia para fazer estágio lá. Da mesma forma que eles ficaram animados, pareciam um tanto perplexos e muitas vezes ao longo do estágio faziam perguntas que giravam em torno da máxima “por que você, um estudante da Universidade de São Paulo, decidiu fazer estágio *aqui?*”. O tom pejorativo que eles tratavam a escola, de forma geral, me deixou um pouco surpreso, mas bastante animado com o porvir.

Meu estágio ocorria às sextas-feiras, dia das aulas de geografia. Havia aulas de geografia na quarta, mas eu não tinha tempo livre neste dia, então

acabei optando por um estágio mais longo, apenas uma vez por semana. No primeiro dia conheci a professora e ela demonstrou-se aberta com a possibilidade de eu acompanhar as aulas e, ao final do período de estágio, propor uma sequência didática para os alunos de um dos grupos. Neste dia, conheci a sala dos professores e pude ter contato com os docentes de outras áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo, comecei a perceber alguns problemas, sobretudo relacionados a ausência de professores.

No decorrer do estágio, fui descobrindo que o buraco era mais embaixo. A escola estava sem diretor, pois o anterior, que estava na escola desde sua criação, havia sido remanejado, para dar lugar a um diretor concursado. Ele, segundo relato dos docentes, era apaixonado pela escola, apesar de todos os problemas, e era muito importante para a articulação dela com a comunidade escolar. O vice-diretor, formado em História, havia assumido as funções provisoriamente há cerca de um ano, pois não houve, de fato, aparecimento de uma pessoa para o cargo até então. A opinião geral do corpo docente e dos funcionários da parte administrativa era de que a saída do diretor havia sido uma grande perda para a escola, pois ele era querido em todas as instâncias, era um dos poucos que morava no bairro e tinha uma relação muito bonita com a instituição.

Para além desta questão, começaram a surgir problemas sérios já no segundo dia de estágio. No mesmo dia, três docentes faltaram, inclusive a professora de geografia. Apesar de, teoricamente, aquela sexta-feira ser um dia perdido, eu aproveitei para observar a situação caótica e me aproximar das alunas e alunos e conversar sobre inúmeras questões. Falei que estava disponível para cumprir as horas, poderia ficar no lugar da professora e ajudar na organização - o próprio vice-diretor teve que substituir a professora de Ciências. Neste dia, contei para os alunos do sexto ano minha ideia: tentaria levá-los a um trabalho de campo pelas ruas do bairro, para trabalhar com temas selecionados por mim, que não quis compartilhar naquele momento. Eles ficaram super animados e pude perceber que ali criamos o início de um vínculo muito interessante.



Na terceira sexta-feira a professora reapareceu e abriu o jogo: disse que sentia-se desmotivada, trabalhava apenas pelo dinheiro, odiava a escola - nas palavras dela - e preferia muito mais a outra escola que trabalhava, particular, onde, segundo ela, os alunos eram “mais civilizados”. Fiquei bastante assustado com as colocações dela, mas segurei-me, pois apesar de duro, este depoimento foi importante para a experiência, de forma geral. Marcamos quando seria a sequência didática, dali mais ou menos um mês, e contei que estava pensando em propor um trabalho de campo para abordar, a partir do bairro, hidrografia e cartografia. Assisti às aulas daquele dia, que foram basicamente cópias de lousa a partir do conteúdo do livro adotado, que era bastante engessado, de qualidade ruim. Os momentos de aula foram bastante maçantes e percebi que a recíproca era verdadeira: as alunas e alunos não gostavam da professora.

O que sucedeu-se nas semanas seguintes foi um absurdo: a professora simplesmente parou de ir às sextas-feiras. Ou seja, durante todos os outros dias de estágio eu que acabei ficando com os grupos. Consegui bancar a ideia do trabalho de campo com o vice-diretor, que me ajudou com as autorizações e acompanhou-me durante a realização do mesmo.

### O trabalho de campo

Duas semanas depois, em meados de maio de 2018, conseguimos realizar o trabalho de campo. Ele foi elaborado como sequência didática para o sexto ano e envolveu como temas principais a hidrografia e a cartografia. Na semana anterior foi feita uma aula introdutória, onde foi possível levantar hipóteses, focos de interesse e conhecimentos prévios por parte dos alunos acerca do tema “água”. As perguntas giraram em torno de quatro eixos: “O que você conhece sobre os rios do seu bairro?”, “Qual é a importância de estudar os rios?”, “Por que os rios são importantes para o ser humano?” e “O que você gostaria de saber sobre esse tema?”. De forma geral, as respostas à primeira pergunta não foram muito variadas e os conhecimentos prévios trouxeram a degradação dos rios (sujeira/cheiro ruim/lixo) e dois principais pontos de referência, que eles não sabiam nomear: o Córrego Itaim, que percorre a Rodovia Raposo Tavares

(sobretudo falaram dos trechos nos quilômetros 17 e 19) e o Córrego Jaguaré, que percorre a Avenida Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia (no seu trecho mais periférico, depois da rodovia, entre o Educandário Dom Duarte e do supermercado Rod Raf). A segunda pergunta, sobre a importância de estudar os rios, gerou algumas dúvidas, mas as crianças que se arriscaram trouxeram a questão da preservação ambiental e de “melhorar” os rios. Neste sentido, a importância dos rios, segundo as/os alunas/alunos girou em torno do uso cotidiano que o ser humano faz da água: beber, banhar-se e lavar as roupas. Por último, as crianças demonstraram interesse em descobrir mais sobre a história dos rios do bairro e porque estão poluídos, além de saber sobre outros rios (falaram sobre o Rio Pinheiros e o Tietê).

Por fim, para instigá-los, assistimos a trechos selecionados do documentário “A Ponte”<sup>4</sup>, momento na qual eles demonstraram bastante interesse. Além disso, falei sobre a atividade da próxima semana - o trabalho de campo em si, entreguei as autorizações, que deveriam ser entregues até o meio da semana seguinte e finalizamos este momento inicial da sequência didática.

No dia do trabalho de campo, boa parte dos estudantes estava presente (dos dois grupos de sexto ano da tarde - período de funcionamento do Fundamental II). Com base no que eles trouxeram como referência, o roteiro incluiu três pontos: a escola, que fica no alto do morro, e os dois rios que foram trazidos por eles na aula anterior. O roteiro foi o seguinte:

- 1) A escola: Foi feita uma breve observação da paisagem do bairro a partir do alto do morro, levantamento de pontos de referência, localização dos rios mencionados. O conceito de “divisor de águas” foi trazido, na medida em que o morro onde localiza-se a escola estabelece-se como barreira natural para os rios (que eles não sabiam, se encontram depois, na altura da Avenida Politécnica).

---

<sup>4</sup> Apesar de ter sido produzido pela ONG Casa do Zezinho e conter algumas partes institucionais, o documentário aborda a periferia da zona sul da cidade em suas várias complexidades, inclusive a relação dos moradores com os rios. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rs0mbQBddag>

- 2) Córrego Jaguaré: Descemos a Avenida General Asdrúbal da Cunha até seu encontro com a Avenida Eiras Garcia, onde há um trecho do Rio Jaguaré a céu aberto. Ali foi possível observar a poluição e o assoreamento do rio, conversamos sobre mata ciliar, ocupações na margem do rio (há uma pequena favela ali), tipos de construções do entorno, eles trouxeram conhecimentos cotidianos sobre o local. Além do sentido da visão, foi possível sentir o cheiro do rio, muito ruim naquele local.
- 3) “Gêmeas” e Córrego Itaim: Subimos novamente em direção à escola, as crianças comeram e saímos em direção à “Gêmeas”, uma das maiores praças do bairro, que fica em cima de um córrego sem denominação (canalizado) que desemboca no Córrego Itaim. Essa praça nos anos 70 e 80 chegou a ser um esgoto a céu aberto e teve problemas de contaminação do solo (explicados com mais detalhes no próximo capítulo). Pudemos trocar um pouco sobre estas questões e conversar sobre equipamentos de lazer na região, canalização dos rios, afluentes, bacia hidrográfica, mudanças na paisagem e o impacto das indústrias na contaminação dos solos e dos rios.

## 1.7 Conclusão

Após a realização do estágio, houve a oportunidade de seguir cumprindo as horas do estágio por mais um tempo. Pudemos retomar o trabalho de campo e as/os alunas/alunos produziram mapas mentais, afetivos, que deveriam conter sua casa, a escola, os pontos visitados no trabalho de campo, bem como apresentar de certa forma a paisagem observada, seguindo algumas convenções cartográficas, como título e legenda. A ênfase de cada mapa era livre e o resultado foi bastante interessante. Houve bastante engajamento na produção do próprio trabalho e também na apreciação dos mapas alheios. Infelizmente as fotografias das atividades acabaram se perdendo devido a um problema no meu notebook.

De forma geral a experiência do estágio foi bastante reveladora. De fato, a proposta de ensino de geografia realizada pela professora não fazia sentido para as/os estudantes. Além disso, a experiência mostrou a potência da geografia proposta pelas referências supracitadas, na medida em que claramente houve aprendizado, trocas, interesse e, sobretudo, ficou claro que esta área do conhecimento tem, a partir da realidade imediata, uma infinita gama de possibilidades.

Por fim, a ideia de investigar a história e geografia do Jardim Arpoador e seu entorno foi reforçada, na medida em que pode colaborar bastante para o desenvolvimento de práticas escolares interessantes, diferentes e novas. No próximo capítulo, portanto, realizaremos esta etapa, para que possamos destrinchar caminhos no bojo de uma geografia escolar que faça sentido e seja transformadora.

## Capítulo 2 - Passado

### 2.1 Histórico de Ocupação da Região: A Rodovia Raposo Tavares no contexto da década de 20 e 30.

Segundo o livro “São Paulo - 450 anos, 450 bairros”<sup>5</sup>, que traz um apanhado histórico dos mais importantes bairros da capital paulista quando da comemoração dos seus 450 anos, bem como informações retiradas da Casa do Bandeirante<sup>6</sup>, localizada no bairro do Butantã, o traçado da Rodovia Raposo Tavares edificou-se sobre uma rota já utilizada pelos bandeirantes, no Século XVII<sup>7</sup>. As principais vias de toda a região compreendida pela subprefeitura do Butantã, aliás, remontam aos caminhos percorridos pelas tropas e bandeiras.<sup>8</sup> A reprodução do espaço urbano da capital foi transformando esses caminhos, majoritariamente a partir do rodoviarismo e dos veículos automotores, ao longo do século XX. A antiga Nova Estrada de Sorocaba, rebatizada de Rodovia São Paulo - Paraná, recebeu esse novo nome em 1954, no aniversário de 400 anos da cidade de São Paulo. Raposo Tavares foi figura notória no processo de desbravamento do oeste paulista, sob a égide do bandeirantismo.

---

<sup>5</sup> PONCIANO, L.; **450 Bairros São Paulo 450 Anos**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, p. 249-251. 2004.

<sup>6</sup> Mais informações em: <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/quem-somos/casa-do-bandeirante/>. Último acesso em 13/03/2019

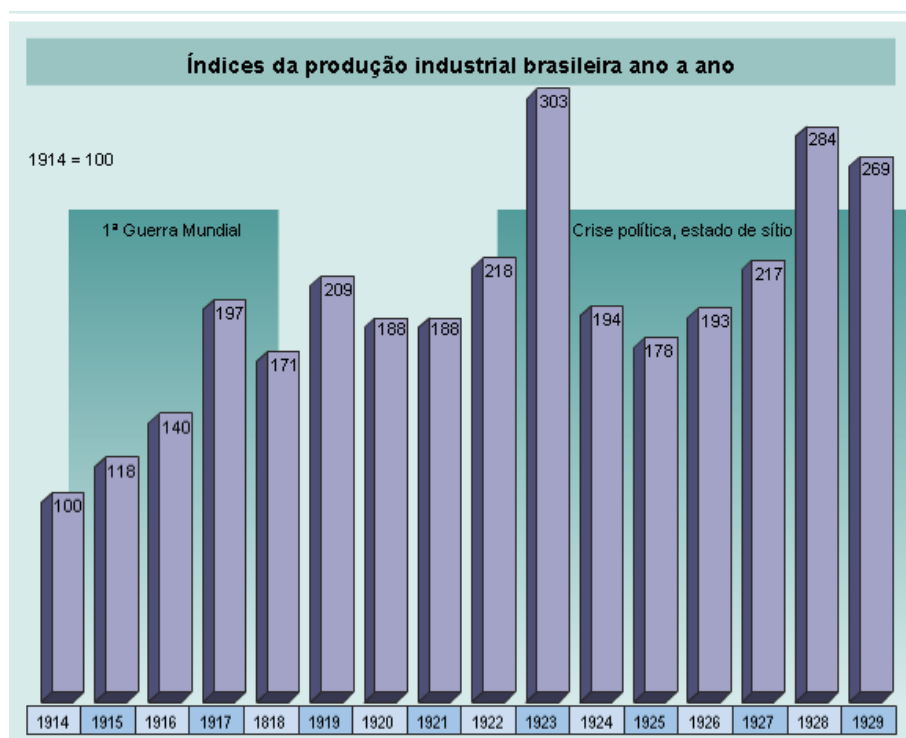
<sup>7</sup> “Sem dúvida, as sucessivas sobreposições de caminhos e a reinvenção de fronteiras, o que conhece significativa aceleração no século 20, repôs a região do Butantã constantemente em contato com outras regiões do Estado de São Paulo e também com o restante do país, rumo a oeste.” SILVA, Marcio Rufino. **A reprodução do urbano nas tramas da metrópole: Operação Urbana Consorciada Vila Sônia** / Marcio Rufino Silva ; orientadora Amélia Luísa Damiani. - São Paulo, 2013. p. 51

<sup>8</sup> As técnicas consistiam, basicamente, em evitar os cursos d’água perenes, bem como os charcos e pântanos, caminhando preferencialmente pelos interflúvios, o que consequentemente tornava mais longa a jornada dos viajantes, pelos caminhos estreitos, íngremes e sinuosos que penetravam os interiores do território. E interessante é notar que até os dias atuais, muitos desses caminhos sinuosos, embora tivessem sido suplantados por estradas de rodagem, especialmente para o trânsito dos veículos automotores, ainda conservem o traçado característico desse período, como a Avenida Heitor Antônio Eiras Garcia. SILVA. op. cit. p. 85.

A construção da rodovia representou uma grande obra de expansão viária da cidade de São Paulo.<sup>9</sup> Primeira rodovia a cortar o Estado de São Paulo, da capital ao extremo oeste, ela teve várias fases de construção. Inicialmente concebida durante o governo estadual de Washington Luís, na década de 20, cujo lema foi “governar é abrir estradas”, a princípio era uma rota de ligação e escoamento de produção entre o interior - especificamente a região de Cotia e Sorocaba - e a capital. Se por um lado o ano de 1922 é culturalmente importante devido à ocorrência, no primeiro quarto do ano, da semana de arte moderna, movimento vanguardista de arte em suas várias expressões, politicamente a cidade vivia também um momento de fervor. Impulsionada pela política exportadora cafeeira e crescente industrialização, a cidade de São Paulo vivia um momento de expansão, sob o signo do automóvel, da pressão da indústria automobilística e dos padrões urbanos europeus. Era um momento de decidir quais rumos tomaria o planejamento urbano da cidade. Levando em conta que Washington Luís viria a se tornar presidente do Brasil tão logo desocupou o cargo de governador, dá pra se ter uma ideia da dominância do discurso da elite paulista, das oligarquias cafeeiras, que se tornou nacional durante o fim da República Velha. Culturalmente, a busca por uma vanguarda artística genuinamente nacionalista, antropofagia de pensamentos internacionais e cultura popular, linguagem artística nacional, contrapunha-se à política de reprodução de padrões estéticos e urbanos europeus elitistas e higienistas, canibalismo cego das elites políticas do café com leite.

---

<sup>9</sup> MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.



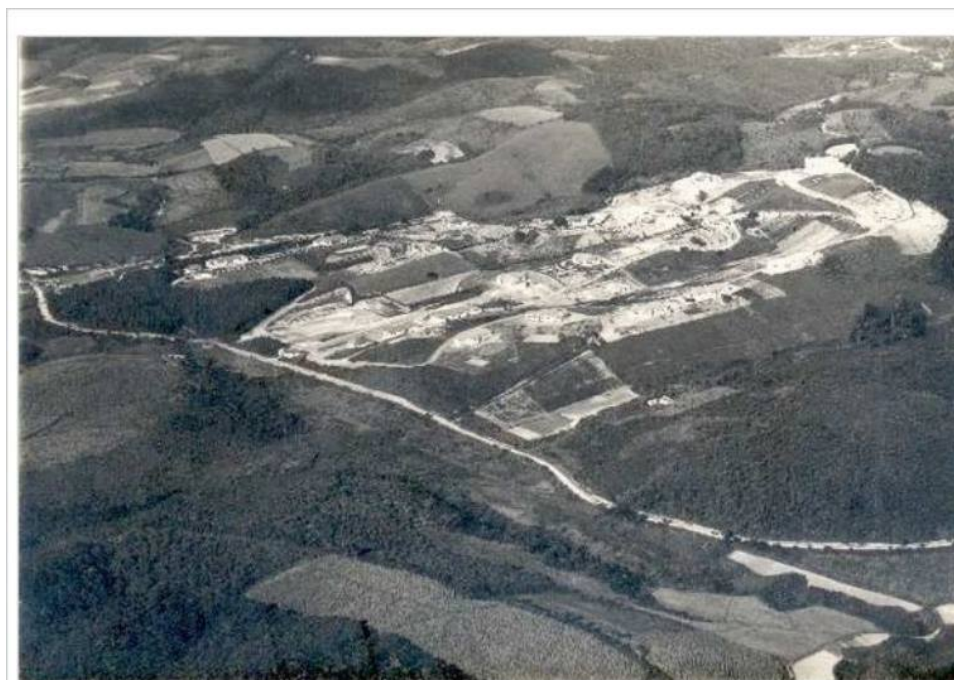
**Imagem I** - Gráfico da produção industrial no Brasil na década de 20. **Fonte:** FGV

Segundo o Atlas Histórico do Brasil, formulado pela Fundação Getúlio Vargas, é justamente na década de 20 que a produção industrial do Estado de São Paulo ultrapassa a da capital federal, Rio de Janeiro, gerando também um contexto de crise política, somada à crise econômica internacional, aprofundada no final da década pela queda da bolsa de Nova Iorque. No gráfico acima, extraído do material da FGV, é possível perceber que as atividades industriais estavam em pleno crescimento. A concentração da produção fabril na capital paulista é acelerada pelo processo de substituição das políticas de exportação agrícola e importação de manufaturados (produtos industrializados fabricados no exterior) em detrimento da produção de bens de consumo e de uma política nacional de industrialização, fomentada economicamente pela migração de capitais e mão-de-obra imigrante advindos da produção cafeeira, sob a égide da política nacionalista de Getúlio Vargas, a partir de 1930, fruto da queda da bolsa de Nova Iorque em 1929 e da incerteza de desenvolver a economia do país a partir da dependência dos mercados internacionais.

Nesse contexto de crescimento da cidade de São Paulo, pois, é inaugurado o primeiro trecho construído da Rodovia Raposo Tavares, São Paulo-Cotia-São Roque, em 1922. Até 1937 a construção da estrada continua, e nesse ano é inaugurada, ainda com o nome de Rodovia São Paulo-Paraná. O crescimento da cidade trazia à tona o

desenvolvimento de uma metrópole em franco processo de industrialização, articulada com sua área periférica e com centros produtores de gêneros alimentícios do interior, bem como de sua diversidade cultural proveniente dos grandes fluxos migratórios. O aumento do mercado consumidor da capital diversificou e ampliou a demanda por produtos agrícolas e de construção, e nesse bojo deu-se início à incorporação das franjas periféricas ao mercado consumidor da cidade.<sup>10</sup>

## 2.2 Histórico de Ocupação da Região: Expansão a oeste, o Educandário Dom Duarte, agricultura familiar e as olarias



**Imagem II** - Fotografia aérea do recorte durante a construção do Educandário. **Fonte:** IGC

O processo de gênese da urbanização do extremo oeste da capital paulista, especialmente as áreas que margeiam a Rodovia Raposo Tavares a partir do Km 15 até os limites do município, entrecruza-se, portanto, num determinado momento histórico, com o

---

<sup>10</sup> "Parcela substancial da produção agrícola solicitada pelos grandes centros urbanos, representada pelos cereais, feijão, mandioca, carnes, açúcar, matérias primas com o amendoim, o algodão, etc. foi sendo obtida em geral em áreas cada vez mais distantes, e até mesmo no exterior. Mas, a presença desses grandes centros estimulou também o aparecimento mais ou menos imediatos de atividades agrícolas voltadas para a produção de gêneros alimentícios geralmente muito perecíveis in natura." SEABRA, Manoel. **As cooperativas agrícolas mistas do Estado de São Paulo - estudo de geografia econômica**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH. 1972. p. II e III.



processo de ocupação da região compreendida pela área de estudo. Importante sublinhar o entrecruzamento de núcleos dispersos de gênese, transformação de atividades ou expansão da ocupação humana, pois ao longo do Século XX isso foi muito comum na transição do modo de vida rural ao urbano na capital paulista. A megalópole de hoje desenvolveu-se abruptamente, passando de pequena cidade pouco urbanizada, articulada por núcleos urbanos entre fazendas e cultivo familiar a uma das maiores metrópoles do mundo no decorrer do século.

No caso específico da região do Jardim Arpoador pode-se dizer que houveram alguns núcleos de origem, num primeiro momento. A total dependência da região para com a rodovia, nos tempos atuais, além do aspecto antigo que observava nas fachadas e na arquitetura do bairro, entre os Km 17,5 e 18,5 da Rodovia Raposo Tavares, faziam-me crer que ali havia se iniciado a ocupação do bairro e sua articulação com as atividades da metrópole em crescimento. Entretanto, do outro lado dos morros que separam a atual rodovia da região compreendida pela BR-116, mesmos morros que separam as águas das Bacias Hidrográficas do Córrego Itaim e do Água Podre com as do Jaguaré e o do Pirajussara, havia outro foco de desenvolvimento da ocupação do bairro: O Educandário Dom Duarte, situado na Avenida Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia. Passar em frente a sua suntuosa entrada todos os dias, somada a toda aquela área verde que a circunda, me despertava a curiosidade desde o início do reconhecimento do terreno, mas até então não tinha ligado os pontos.

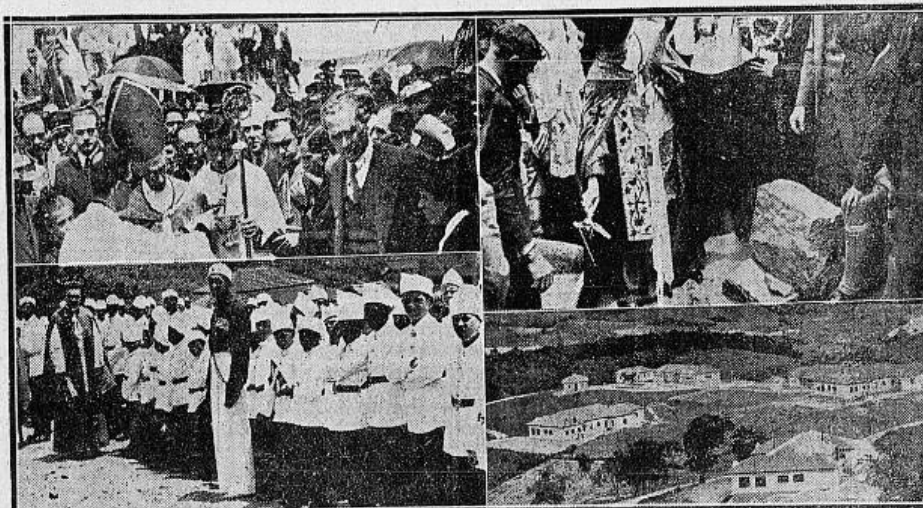
De fato, em sua fachada, o Educandário Dom Duarte (EDD) revela uma arquitetura de outrora, antiga, onde inscreve-se com letras garrafais seu nome, acompanhado com letras menores por “Liga das Senhoras Católicas”. A liga das senhoras católicas, segundo a Arquidiocese de São Paulo, surgiu em 1923 a partir de um grupo de mulheres católicas convidadas por Dom Duarte Leopoldo, primeiro arcebispo de São Paulo, para realizar trabalhos de cunho social na região sudoeste da cidade. Importante ressaltar desde já alguns pontos. Em primeiro lugar, essa política assistencialista marcava a atuação da Igreja Católica e das mulheres inseridas na política, na primeira metade do século passado, com o surgimento de outras centralidades religiosas sociais ao longo do território paulistano, como o caso do Educandário Santa Rita de Cássia, na zona norte da capital, bem como de instituições que gerenciavam as práticas assistencialistas de então. As senhoras em questão eram ricas proprietárias de terras da atual região do Morumbi, bairro não muito

distante do EDD, à época dividido entre os municípios de Itapecerica da Serra, Santo Amaro e São Paulo. Proprietários do atual Taboão da Serra também participaram da Liga. Além disso, o trabalho social em questão, num primeiro momento, era o de acolhida a menores abandonados, que eram deixados aos cuidados dos padres, freiras e ricos filantropos católicos. Tratava-se de uma atividade sumariamente relacionada aos problemas decorrentes do desenvolvimento de uma metrópole assolada pela desigualdade social. Tratava-se, também, do gérmen do processo de segregação sócio-espacial, tão aparente na São Paulo do Século XXI. Àquela época, já era importante tirar os jovens carentes das cercanias centrais da cidade, apagar da paisagem as marcas da falta de estrutura familiar e da crescente miséria, colocando-os sob os cuidados disciplinadores da Igreja. A edificação em questão trata-se de uma sede para a Liga, de meados da década de 30, construída sobre um terreno doado em 1934 pelo casal de proprietários Bráulio Silva e Noêmia Sampaio à Igreja Católica. A história aqui turva-se devido aos seus atores. Segundo Carlos Melo, coordenador de projetos sociais da Liga Solidária, em entrevista informal feita por mim, o terreno originalmente era muito grande, denominado Sítio Monte Alegre, e foi doado por grande proprietário de fazendas pertencentes atualmente à região de divisa entre São Paulo e Taboão da Serra - mais especificamente entre a atual Rodovia Régis Bittencourt e a Avenida Engenheiro Heitor Antonio Eiras Garcia - devido a uma promessa feita por sua esposa, segundo o narrador. No contrato de doação, ainda segundo o coordenador, existe uma cláusula que obriga o terreno de ter cunho social em suas atividades.. O fato é que, em 22 de dezembro de 1937, é fundado oficialmente o que curiosamente se intitulou “A cidade dos menores”, que já funcionava de forma incipiente há alguns poucos anos, desde que o terreno foi oficialmente doado. Na imagem III , é possível notar o teor com que a mídia abordou a inauguração do Educandário.

# AS GRANDES OBRAS DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Constituiu magnifico espectáculo a inauguração official do "Educandario D. Duarte"

ESTIVERAM PRESENTES O SR. INTERVENTOR FEDERAL EM S. PAULO, S. EXC. REVMA. D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA, ARCEBISPO METROPOLITANO, E AUTORIDADES CIVIS E ECCLESIASTICAS — O QUE REPRESENTA O NOVO DEPARTAMENTO DA LIGA DAS SENHORAS CATHOLICAS



Aspectos apanhados, pela objectiva do "Correio Paulistano", na inauguração do "Educandario D. Duarte"

**Imagem III** - Recorte do jornal Correio Paulistano do dia 23/12/1937, sobre a inauguração do Educandário D. Duarte, no dia anterior. **Fonte:** Arquivo do Correio Paulistano

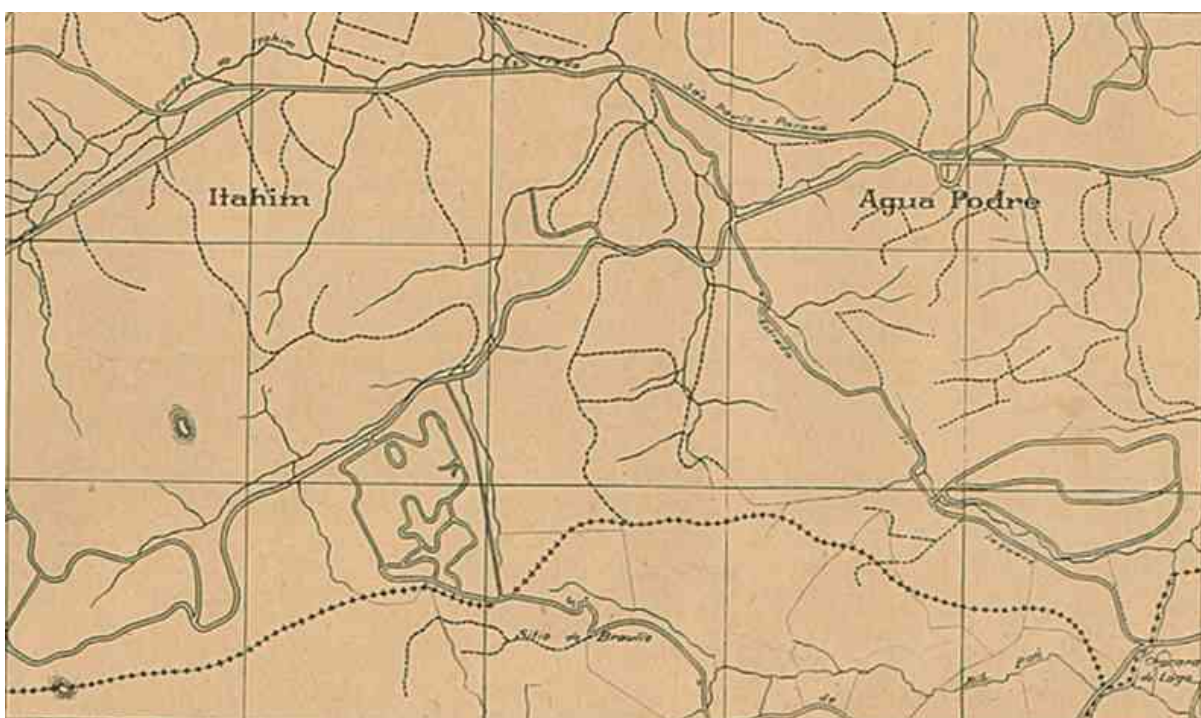
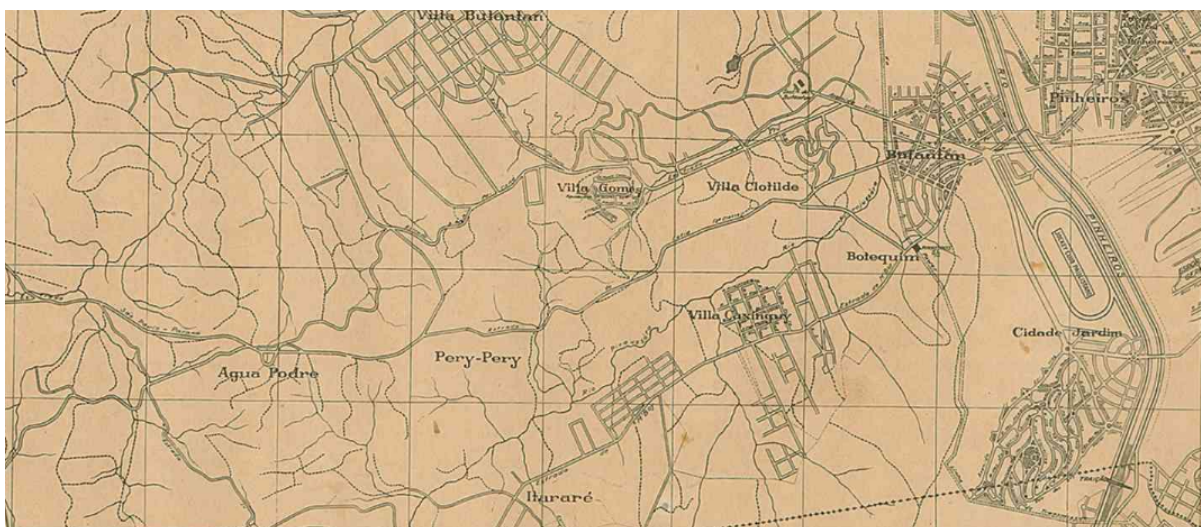
A carta de 1943 feita pela repartição de eletricidade da *The São Paulo Tramway Light & Power Co.*, conhecida como Companhia Light, é bastante ilustrativa da expansão da capital paulista, no que tange a articulação entre pequenos núcleos em diferentes níveis de urbanização em meio às fazendas da região oeste da atual denominada Região Metropolitana de São Paulo. Na porção oeste da carta inteira, é possível notar a presença da Rodovia São Paulo - Paraná, atual Raposo Tavares, fundada em 1937, e a existência do gérmen da Rodovia Régis Bittencourt - que atualmente faz a ligação, efetivamente, entre o Estado de São Paulo e o do Paraná. Além disso, fica visível que São Paulo vivia um crescimento disperso na região oeste periférica, com pequenos núcleos urbanos espalhados por entre as fazendas. A separação entre os graus de urbanização fica muito bem marcada, desde aquela época até os dias de hoje, pelo Rio Pinheiros, à época já retificado. O processo de retificação do Rio Pinheiros e inerente expansão da capital paulista no sentido sul e oeste, bem como os interesses imobiliários de tal grandiosa obra de infra-estrutura

urbana e sua relação com a região do Butantã foram alvo de estudo da Professora Doutora Odette Seabra<sup>11</sup>, do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, um documento maravilhosamente literário e histórico, que fica aqui homenageado, pois também serviu de inspiração para este trabalho e para o próprio curso deste que vos escreve na graduação, desde que foi lido, ainda no semestre de ingresso.

Na carta, é possível ver alguns empreendimentos na várzea ocidental do Rio Pinheiros. Esta área de várzea, ampliada pela enchente de 1929 - a partir de uma ação manipulativa da própria empresa, como esclarece a autora do trabalho citado no parágrafo anterior - por contrato, poderia ser empreendida pela Companhia Light, e de fato esta já estava lançando mão dessa possibilidade. À época, por meio da carta, é possível observar a expansão da urbanização e da industrialização para além rio, com alguns núcleos mais populacionalmente densos, principalmente ao redor das estradas que ligavam a capital ao interior: Estrada São Paulo - Paraná, Estrada de Cotia, Estrada do Mboy (iniciava-se na atual Avenida Francisco Morato). Butantan, Villa Butantan, Vila Gomes, e Villa Caxinguy apresentavam grau de urbanização e demografia maior em relação ao resto da atual zona sudoeste da região metropolitana.

---

<sup>11</sup> SEABRA, Odette C. de Lima. **Os meandros dos rios nos meandros do Poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de Paulo**. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.



**Imagens IV e V - Recortes da Carta da Light de 1943. Fonte: SMDU**

Para fins didáticos, retomando a expansão da zona oeste de São Paulo, foi feito um recorte na carta, originalmente imensa e com alta resolução, como ilustrado nas imagens 3 e 4. O primeiro recorte destaca a zona sudoeste da capital, enquanto o segundo compreende justamente a área de estudo, e é possível observar, na região onde está inscrito Água Podre, a Avenida Eiras Garcia e seu percurso curvilíneo atravessando a Rodovia São Paulo - Paraná, traçado que até hoje se mantém. Na área inferior esquerda do recorte é

possível observar as ruas do Educandário Dom Duarte, já com uma estrutura organizada. Também é possível visualizar ao longo da Rodovia, várias pequenas estradas de terra que ligavam a estrada à entrada das fazendas - identificadas pelas linhas tracejadas mais finas. Se havia ligação com a Rodovia, ou intenção de expandir a rede elétrica, pode-se presumir que havia algum tipo de ocupação humana. A ocupação em questão, segundo moradores mais antigos do bairro, eram as próprias sedes das fazendas e olarias, onde cultivavam-se os gêneros alimentícios consumidos na capital<sup>12</sup>, e transformava-se os solos da região em peças de cerâmica, que eram vendida principalmente na região central da cidade, telhas e tijolos, que eram matéria-prima da própria expansão da cidade de São Paulo. Também havia a presença de pedreiras para obtenção de matéria-prima para a construção civil. As olarias, segundo registros arqueológicos, já eram presentes na região oeste de São Paulo desde o Século XVII. Há alguns anos, durante as obras da linha amarela do metrô, foram encontrados vestígios de cerâmicas e objetos de barro na região de Pinheiros<sup>13</sup>. Com a urbanização e expansão do atual centro expandido de São Paulo, as olarias foram migrando para as periferias rurais, perdurando até a mancha urbana se expandir e novamente seguindo para o interior. Hoje não há nenhuma olaria ou pedreira em atividade na região compreendida por este trabalho.

Num contexto de urbanização, a olaria representa um negócio lucrativo e de suma importância para a produção da matéria-prima das construções do latente porvir, bem como representa o surgimento de vários pequenos núcleos de atividades humanas, rurais, urbanas ou fabris, em meio à Mata Atlântica e às fazendas produtivas do oeste da capital. Há relatos de presença de olarias no passado, desde o Rio Pequeno, até Cotia.

Voltando ainda à análise do recorte da carta da Companhia Light, é possível observar a importância das bacias hidrográficas na nomeação dos lugares. A região do atual Jardim Arpoador e Cohab Raposo Tavares está identificada como Itahim, devido à presença da Bacia Hidrográfica do Córrego Itaim, que percorre a Rodovia Raposo Tavares. A parte mais alta do Jardim Arpoador antigamente também era chamada de Jaguaré, pois ali se encontra a cabeceira do córrego. Na altura da atual Avenida Engenheiro Politécnica,

---

<sup>12</sup> O bairro Mandioquinha, situado atrás do Shopping Raposo, é um ótimo registro da atividade prévia existente na região: o plantio de mandioca.

<sup>13</sup> Folha de S. Paulo. **“Sítio arqueológico em Pinheiros para obra e irrita prefeitura”**. São Paulo, 22 de dezembro de 2009. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2212200910.htm>> Acesso em 15/03/2019

ambos os córregos se encontravam e formavam um rio caudaloso e com intensa inundação de suas margens: O Rio Jaguaré.<sup>14</sup>

Em meados da década de 40, portanto, a área de estudo era uma confluência de atividades humanas de diversos cunhos, mas majoritariamente rurais, em meio à natureza virgem da Mata Atlântica e à abundância de água da região. A ocupação das margens da rodovia, de forma geral, ainda era incipiente. Esse processo foi se desenvolvendo com mais força a partir da década de 50 e 60, com o loteamento da Previdência, Km 11, margem sul e Jardim Peri-Peri, Km 13, margem sul. Sob a ótica do pedreiro, sujeito sujeitado da reprodução do capital, operário da indústria da construção civil, que também foi ator protagonista na construção dos loteamentos e ocupação das áreas periféricas, o movimento de mobilidade do trabalho permite um olhar ímpar sobre a ocupação da região : O pedreiro, figura aqui simbólica para fins didáticos, cuja história fora baseada em fatos reais, trabalhou para erguer os loteamentos da Previdência, mas foi parar no pantanoso Peri-Peri, e depois foi morar no Educandário e Jardim Arpoador no momento em que o bairro foi sofrendo um processo de gentrificação, ao ser loteado e empreendido. Há relatos de trabalhadores que faziam viagens a pé com carrinho de mão do Jardim Peri Peri ao Educandário e vice-versa para levar os materiais de construção das próprias casas, diversas vezes ao dia.

Segundo a memória de antigos moradores, nas primeiras décadas após a inauguração da instituição, tudo ali era nomeado por Educandário, o que reforça a importância desta edificação para a gênese da ocupação e urbanização do nosso recorte.

---

<sup>14</sup> A área da Avenida Politécnica onde se encontram os ribeirões é, ainda hoje, assolada por enchentes com frequência.





**Imagem VI** - Vista Aérea do Educandário Dom Duarte. **Fonte:** IGC. Acervo pessoal do ex-interno André Phelipe.

### 2.3 Caracterização da área de estudo

A área de estudo deste trabalho foi sendo constituída ao longo de todo o processo de feitura do mesmo. O presente trabalho de conclusão de curso colaborou para minha compreensão do bairro na qual sou morador há mais de três anos, na mesma medida em que a caracterização da área de estudo foi se expandindo ao longo do percurso. Num primeiro momento, o foco do trabalho seria o bairro do Jardim Arpoador, onde moro. A ideia de estudar o bairro não surgiu por comodidade, no sentido de facilitar a execução do trabalho, apesar disto ser algo natural a partir da escolha, mas sim como decorrência do intenso mergulho que fui dando ao longo do tempo em que passei a residir nesta região. A *praxis* geográfica em sua forma mais elementar, corriqueira, cotidiana, desde 2015.

À época, caí de paraquedas aqui. Minha companheira estava grávida, e acabávamos de sair de uma experiência falha na primeira tentativa de constituir-mo-nos como família, pois no impulso de nos unirmos para a chegada da Tereza, minha flor mais bela, nossa obra mais criativa, acabamos indo parar num cortiço na Favela da São Remo, que apesar de ser uma área carente, é muito acolhedora e não carece de ótimos seres humanos, além de estar próxima do Hospital Universitário, que mesmo ruindo, serviria para o caso de alguma emergência relacionada à gestação, era barato, enfim. Entretanto, havia sérias



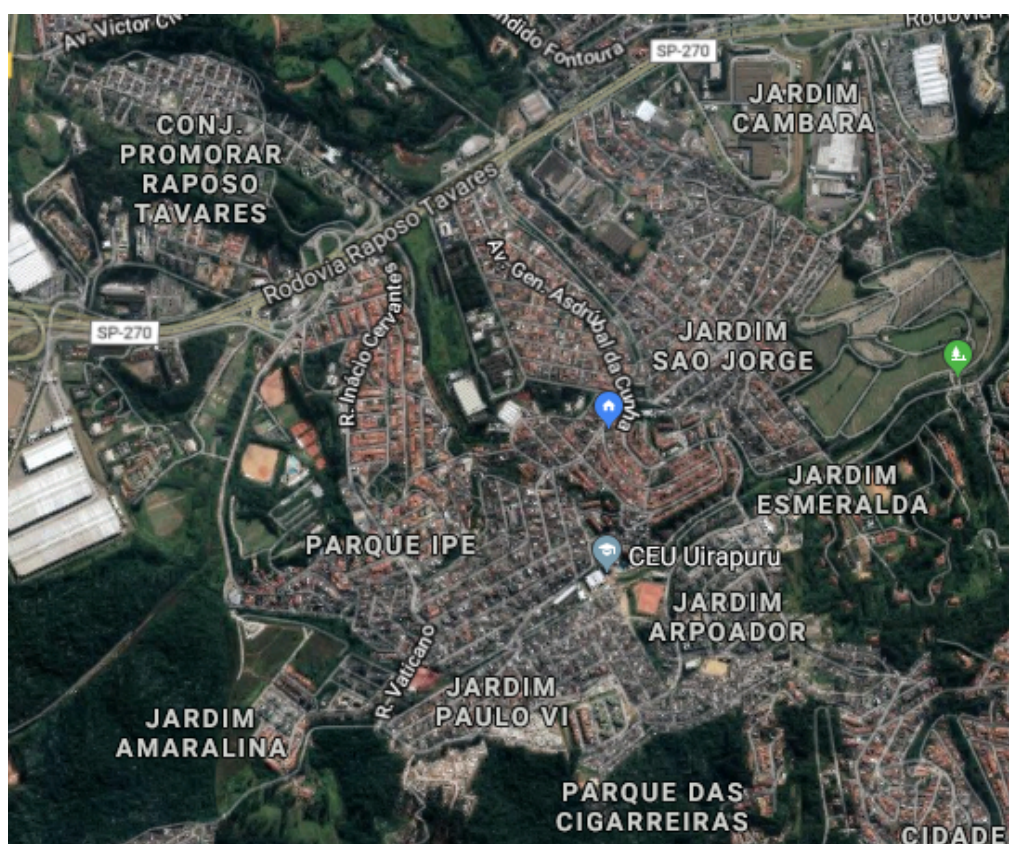
questões de insalubridade na moradia, e esse foi o único ponto que nos fez desistir de residir na região do Rio Pequeno.

Por indicação de um grande amigo que sensibilizou-se com as condições da nossa primeira morada, à época apenas colega de trabalho, professor na mesma escola em que eu lecionava, tornei a conhecer a região a qual serviria de inspiração para esta reflexão. Foi razão à primeira vista. O preço não era muito diferente, a quitinete era novinha, tínhamos alguns conhecidos para o caso de alguma situação inesperada. Por outro lado, era mais longe, passaríamos a depender da temida Rodovia Raposo Tavares para locomover-mo-nos até a região central, mas até aí tudo bem, pois tínhamos condições de salubridade excelente para receber um pequeno ser que estava por vir.

As primeiras impressões da peculiaridade do lugar me saltaram aos olhos desde a primeira viagem de ônibus para a imobiliária. Lembro-me da descoberta de que a Avenida Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia, que começa próxima à USP, e para mim até então terminava no Km 15 da Rodovia Raposo Tavares, sofre uma interrupção causada pela estrada, mas continua do outro lado. Alguns ônibus chegam no bairro por essa via. Com as pupilas dilatadas pelas diversidade de paisagens que a cidade de São Paulo proporciona devido a sua imensidão, me deparei, numa brusca interrupção da urbanização, com uma grande área verde e a primeira vista quase despovoada: De um lado um cemitério israelita, do outro um educandário católico.

Na correria do dia-a-dia, durante um bom tempo eu vivi a realidade de um bairro dormitório. Saía cedo, chegava tarde, quase não tinha tempo hábil para sentir a pulsação forte do Jardim Arpoador. O porto seguro da memória, lugar das histórias de um bairro de outrora, era o apartamento desse amigo citado anteriormente, Patrício Casco, e sua companheira Ezilda Oliveira, a Zizi, que moram no Jardim Amaralina - condomínio de prédios, uma espécie de bairro vertical planejado pela iniciativa privada - mas residem na região há mais de 40 anos. Entretanto, eu sentia algo peculiar, que ainda não conseguia explicar, relacionado à dinâmica do bairro, em especial à maravilhosa hospitalidade e humanidade presente, sem falar no choque que aquela mancha verde provocava nos sentidos ao cotidianamente voltar ao bairro utilizando transporte público. Um silêncio, uma calma, um resíduo de vegetação no meio de uma área cinzenta e barulhenta me chamava a atenção.

Ao longo do tempo fui conhecendo outras formas de chegar no bairro: é possível sair da Raposo e ir em direção ao Jardim Arpoador, além do Km 15, pelo 17 e pelo 19. Essa multiplicidade de formas de se chegar à minha casa foram me fazendo entender melhor a geografia do lugar, os bairros tangentes, as particularidades. Em meio à obrigações do dia-a-dia sempre couberam análises geográficas. Geografia para mim é isso, é elementar, é viver e sobreviver em meio à selva de pedras de forma poética, tomando as cidades como cadernos, as histórias pessoais como versos e as histórias dos bairros como estrofes



**Imagem VII - Vista aérea do recorte. Fonte: Google Maps**

Esta primeira imagem, retirada das fotos de satélite do Google Maps, é muito útil para ilustrar e identificar algumas peculiaridades do bairro, e delimitar a área de estudo propriamente dita. Parto do pressuposto, após muita observação, de que minha área de estudo é tangenciada por fronteiras de diversas naturezas, algumas invisíveis, outras bem concretas, e por isso é possível delimitar o objeto de estudo como um território quase fechado em si mesmo. O ícone azul escuro com uma casinha situa-se na região da minha

residência, localizada bem no centro e numa das partes mais altas, divisor de águas, da área de estudo, que apesar de não estar identificada corretamente pelo Google, faz parte do Jardim Arpoador. Da laje da minha casa é possível ter uma visão geral de todo o bairro, e ao final do capítulo 2 será possível observar alguns registros fotográficos, com suas devidas legendas explicativas, registradas por minha companheira, e muito úteis para a compreensão da paisagem do nosso recorte. Ao norte, é possível notar a Rodovia Raposo Tavares, fronteira concreta, construída pelo homem, hostil, devido ao trânsito de carros, muitos caminhões, motos, com toda sua fumaça gasosa e sonora sendo emitida incessantemente. À oeste, já no Km 20, está o Rodoanel Mário Covas, outra fronteira concreta, mais recente, que separou definitivamente um município do outro. A oeste do Rodoanel, portanto, já entramos em outra municipalidade, os primeiros bairros de Cotia. Ao norte da Rodovia Raposo Tavares existem alguns bairros que pertencem a São Paulo, como o Jardim Boa Vista, mas logo em seguida entramos em Osasco. Ao Sul, há um pequeno trecho de conurbação com Taboão da Serra, outra municipalidade. Ao leste da imagem, finalmente, é possível observar, tangenciando a Avenida Eiras Garcia, ao norte o Cemitério Israelita do Butantã, e ao sul o Educandário Dom Duarte, ambos terrenos muito grandes que formam uma barreira entre a Vila Borges, bairro mais próximo desse trecho sul da Raposo Tavares, localizado a leste. Há ainda como fronteiras com a Vila Borges o Carrefour, a Fábrica da Pullman, um condomínio residencial de padrão mais elitizado e o centro administrativo do Itaú Unibanco. Historicamente, essa peculiaridade da região fortaleceu a união entre os moradores e moradoras dos diversos bairros que a constituem. Para muitos que aqui residem, essas fronteiras são tão concretas que a vida gira em torno desse lugar, uma mistura de impossibilidade e desnecessidade de sair.



**Imagem VIII - Destaque da área de estudo. Fonte: Google Maps**

A região está, de certa forma, fechada em si mesma. Cogito que essa territorialidade singular pode ser catalisador do sentimento de hospitalidade e pertencimento - boa parte da população gosta de morar aqui, mesmo os muitos que subsistem em péssimas condições - uma certa unidade facilmente percebida pelos olhos mais atentos, e historicamente constituída a partir dos relatos ouvidos ao longo do percurso. Para além disso, a lentidão do processo de especulação imobiliária, acentuado nos últimos anos - e é preciso ligar a luz de alerta - também foi catalisador, ao meu ver. Trataremos deste tema com maior profundidade no próximo capítulo. A área de estudo pode ser dividida em: Jardim Arpoador, Jardim Educandário, Jardim Uirapuru, Parque Ipê, Jardim Paulo VI, Jardim São Jorge, Jardim Amaralina, Jardim Cambará e Jardim João XXIII. Cada bairro com suas particularidades, que serão discutidas mais adiante, mas todos com pontos em comum, no que tange a vida cotidiana e suas próprias histórias, que entrelaçam-se sobre o território.

## 2.4 A importância da Igreja Católica no desenvolvimento urbano da região

Como pincelado anteriormente, a criação de um Educandário sobre um grande terreno doado por um latifundiário foi preponderante para a gênese da ocupação da área de estudo, num movimento “de dentro para fora”, simultâneo à própria expansão da capital do centro à periferia. A possível cláusula de obrigatoriedade de um serviço social, em contrapartida, citada no discurso da instituição, reflete-se como prática até os dias de hoje.. Cabe a nós, agora, entender a atuação da Igreja Católica Apostólica Romana histórica e geograficamente, ao longo das décadas, no recorte proposto.

A própria capital paulista surge a partir de um Colégio Jesuíta em 1554, na confluência entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. A importância da Igreja Católica na expansão da cidade é perceptível até para olhares mais desatentos: igrejas, nomes de bairros, logradouros são recorrentes no espaço urbano de São Paulo. Seu próprio nome, como o de muitas outras cidades. Os feriados católicos consolidados mesmo na República auto-denominada laica. Várias épocas, arquiteturas, momentos edificados materialmente, homenagens a figuras importantes desse processo sobrepõem-se em anacronismos espaciais sobre o tecido urbano da metrópole.

Especificamente na nossa região de estudo, a atuação da Igreja segue presente, mesmo com o aumento vertiginoso da vertente protestante evangélica. O Educandário Dom Duarte surge na década de 30, num primeiro momento como lar de menores abandonados. Só isso já nos serve para ilustrar o modelo de reprodução do capital, de expansão da capital, o de expansão da miséria. Se na mesma época, em outras regiões da periferia urbana, pipocavam centros de acolhida a menores abandonados, demonstra-se que de fato o processo de industrialização e urbanização produziu e reproduz desestruturação familiar, violência, abandono, segregação e miséria, *a priori*.

O cunho social de atuação e estruturação da Igreja Católica a partir do início do Século XX, calcado nas premissas católicas do amor e da caridade, desenvolveu vários frutos, inclusive a participação nas lutas sociais da sociedade civil durante a Ditadura Militar. O próprio Partido dos Trabalhadores surge no entrelaçamento do proletariado operário com as comunidades eclesiais de base, de cunho católico sob a vertente da Teologia da Libertação. À época do surgimento, a atividade principal do Educandário era



acolher as crianças abandonadas na roda da miséria, instrumento colocado na porta das instituições de caridade onde, anonimamente, os bebês e crianças eram girados para dentro e abandonados por suas famílias. A edificação contava com vários pavilhões onde os menores moravam - e também trabalhavam. Havia também o seminário, na parte superior da encosta onde situa-se o sítio, juntamente com a parte administrativa do Educandário, e toda uma infra-estrutura edificada num bairro ainda rural.

Devido a suas atividades sócias, educativas e religiosas, o Educandário apresentava, e ainda hoje apresenta - apesar das transformações - uma infra-estrutura interna ampla e completa, se comparada ao incipiente entorno. Até os anos 70, as atividades do Educandário eram voltadas exclusivamente aos internos, mas com o crescimento dos bairros vizinhos, este se abre para a comunidade, e vai se desenvolvendo como pólo cultural. Na década de 70 era possível frequentar o Educandário Dom Duarte para ir ao cinema e jogar futebol por exemplo, e pode-se afirmar que ali foi um importante aglutinador cultural da região. Para além disso, a escola até então frequentada apenas pelos internos abre suas portas para a comunidade. Tanto por falta de infraestrutura nos arredores - a escola de lá é uma das primeiras do bairro - quanto para manter a Igreja Católica como referência no extremo oeste de São Paulo, sucedeu-se assim o desenvolvimento das atividades da instituição.

Afora o próprio Educandário, e levando em conta a vastidão do terreno doado, nas palavras do próprio coordenador de projetos da instituição, mencionado há alguns parágrafos, pode-se supor que a Igreja Católica, além de suas atividades sociais, participou do processo de loteamento dos arredores. Boa parte do Jardim Educandário e do Jardim Paulo VI, bem como bairros do Taboão da Serra, tiveram sua gênese sobre o terreno doado, como abordaremos mais adiante neste mesmo capítulo. Novamente a história se turva, pois o acesso a documentos que expliquem esse processo é bem difícil, levando em conta que tratam-se de três protagonistas históricos: Igreja, proprietários e poder público, atores que se misturam em muitos momentos. O fato é que ao redor do Educandário a urbanização foi extremamente rápida e caótica, a partir do final dos anos 70 e início dos anos 80, ocupando uma área de Mata Atlântica, o que revela também um descompromisso com preservação ambiental, por parte da Igreja, em detrimento do lucro imobiliário.

Além do coordenador de projetos, Carlos Melo, a voz da instituição, houveram duas outras fontes importantes de relatos sobre a história do Educandário: O casal Patrício

e Zizi, mencionado no início do texto, frequentou e estudou, respectivamente, após o período de abertura para a comunidade, e André Phelipe, ex-interno muito interessado pela historiografia do EDD e de seu entorno, que conta inclusive com um acervo analógico e digital de documentos históricos, mapas que resgatam a geografia da região feitos a partir de fotos de satélite atuais, e fotos antigas, que disponibiliza nas redes sociais. O bom uso da internet, tanto para descobrir informações, quanto divulgá-las, merece aqui menção. Ele, juntamente com outros ex-internos, luta para que a memória seja mais valorizada pela instituição, mesmo morando atualmente em Fortaleza, e tem uma visão crítica sobre o que foi se tornando o EDD.

## 2.5 Crescimento do bairro a partir da Raposo Tavares

Como apontado anteriormente, houveram dois focos de desenvolvimento da região que compreende nosso estudo, focos na verdade separados por um morro. De um lado, na encosta das nascentes dos afluentes do Rio Jaguaré, é edificado, na década de 30, o Educandário Dom Duarte, a partir da doação de um grande terreno por um proprietário de fazendas da região. Do outro lado, no vale da Bacia do Itaim, com a construção da Rodovia São Paulo - Paraná, começam a desenvolver-se com mais força atividades relacionadas ao abastecimento de São Paulo, tanto no que diz respeito aos produtos alimentícios cultivados nas fazendas produtivas do vale, quanto à matéria prima para o próprio crescimento da cidade - telhas, tijolos e cerâmica fabricados nas inúmeras olarias, situadas nessa região, não por acaso: há bastante ocorrência de solos propícios para a fabricação de telhas e tijolos. O cenário alaranjado, inclusive, foi uma marca da paisagem no imaginário dos moradores mais antigos, do processo de aterramento e loteamento dos bairros da região. Montanhas de solo eram tiradas dos topos das encostas e depositadas nos vales, para a retificação do terreno onde seriam edificados em breve as casas e ruas. As crianças da época aproveitaram muito esse cenário de barro e de bairro em construção para brincar no espaço público. É possível perceber até hoje um acúmulo de solo depositado ao redor do córrego que desagua no córrego Jaguaré, ao lado da Avenida Eiras Garcia. É possível observar um alto grau de erosão, assoreamento, acúmulo de materiais, esgoto e lixo, num cenário insalubre que contrasta com a imagem vendida nos anúncios publicitários dos futuros loteamentos, durante a década de 50.

O desenvolvimento de atividades econômicas ao longo da Raposo Tavares, portanto, foi de suma importância para a ocupação do atual Jardim Cambará, no Km 17, e do Jardim Arpoador e Jardim São Jorge, no Km 18 da rodovia. Ao longo da década de 50 já era possível observar a presença de pequenos núcleos urbanos, residenciais, entre as grandes propriedades rurais, olarias, vegetação, córregos e lagos. A terra, portanto, já tinha dono, e a mudança nas atividades das propriedades rurais foram sendo resultado da própria ação empreendedora das famílias donas da terra, em parceria com incorporadoras, ambas estimuladas pelo processo de urbanização da cidade e posterior industrialização da Rodovia Raposo Tavares. No processo de desvelar a gênese do bairro, é de suma importância dar nome aos bois. Assim como anteriormente citamos Bráulio Silva e sua esposa, grandes proprietários que doaram o terreno para a Igreja Católica, ao longo do processo de escrita, com grande colaboração dos moradores - em especial o Carlão, dono do café Mesoclise, e o Seu Hely, proprietário da primeira imobiliária do bairro, fundada em 1967, Hely Imóveis - foram sendo descobertos os nomes das famílias proprietárias das terras dessa região, bem como os nomes originais dos bairros e das ruas, intimamente relacionados com os proprietários e com os diferentes momentos históricos.

A presença da Igreja Católica, tanto no que diz respeito às edificações da instituição, quanto ao fato de que os proprietários eram católicos, marcam os nomes da maioria dos bairros, bem como muitas vias públicas até hoje. Num primeiro momento, a partir da presença de olarias, matéria-prima para construção e plantações, nasce o núcleo urbano do Jardim São Jorge, às margens da rodovia. Mais próximo ao centro, 1 km distante, moradores antigos afirmam que o gérmen do Jardim Cambará - que possivelmente tem esse nome devido à disponibilidade da madeira da árvore, etimologicamente ligada à expressão tupi *kama'rá*, muito utilizada pelos índios, e no século passado para a construção das casas, por ser impermeável - também começava a se estabelecer, isoladamente, às margens da rodovia. Com o aumento da população residente, vão sendo construídas casas em direção ao alto da encosta que separa as bacias hidrográficas já citadas anteriormente. Um momento crucial marca o crescimento dos primeiros bairros. No alto da encosta, na década de 50, surge o Posto Paraná, atual Supermercado Paraná, primeiro grande armazém da região, e parada de viajantes que faziam a rota que nomeava a rodovia. Este supermercado situa-se exatamente no encontro do Jardim Cambará, Jardim São Jorge e da via que inicia-se praticamente à frente do



portão do Educandário, e o desenvolvimento do seu entorno representa o estabelecimento da primeira centralidade comercial da região, existente até hoje. Há quem brinque que, se um dia for construída uma linha de metrô para atender a região, com certeza haverá a Estação Paraná. Os ônibus lotados vindos da Raposo Tavares, tanto pelo Km 15 quanto pelo 17, esvaziam-se no alto da encosta, todos os dias. Podemos dizer que a avenida que passa ao lado do mercado é uma das principais do bairro, até os dias de hoje, tanto no que diz respeito à intensa atividade comercial, quanto ao itinerários dos ônibus que atendem a região, pois todas as linhas, em algum momento do percurso, passam sobre um trecho dela. Ela muda de nome, possui curvas, mas percorre justamente o alto da encosta do bairro, do Jardim São Jorge, primeiro bairro mais densamente ocupado, ao início do Jardim Paulo VI, bairro mais recente, ainda em crescimento, e liga as principais centralidades comerciais do bairro, todas surgidas no alto do morro, ao longo das décadas subsequentes.



**Imagem IX** - A linha pontilhada representa o trajeto viário que liga as três primeiras - e principais - centralidades comerciais do bairro. **Fonte: Google Maps**

Na imagem acima, feita de forma rudimentar, para fins didáticos, é possível perceber a distância, menos de 2km, entre a centralidade do Supermercado Paraná e da

UBS Jardim São Jorge, à Avenida Vaticano, principal via que liga os bairros a oeste do nosso recorte (do Parque Ipê ao Jardim Paulo VI), e a UBS Paulo VI. Importante salientar que essas duas instituições representam as únicas opções com relação à saúde pública de toda a área abrangida por esse trabalho. A região marcada pela linha pontilhada, aparecerá em outros momentos do trabalho, pois representa uma síntese histórica e geográfica peculiar ao bairro, no que tange o passado, as transformações, e o presente. Ambas as UBS vem correndo risco de fechar as portas<sup>15</sup>, o que deixaria o bairro sem opções no que tange consultas e atendimentos de pronto socorro, por isso também a escolha de usá-las como pontas dessa linha correspondente à principal avenida do bairro.

## 2.6 Auge do crescimento urbano

**Faça-se proprietário...**  
(com um mínimo de capital)

DE UM TERRENO NO LOCAL DE  
MAIOR VALORIZAÇÃO DA CIDADE!

A 5.000 metros da Av. Rebouças, a 18 km.  
da Praça da Sé, por vias asfaltadas!

**Jardim ARPOADOR**

**TODAS AS FACILIDADES E VANTAGENS**  
**APENAS CR\$ 650,00**  
de prestação com ou sem entrada e sem juros!

Importantes melhoramentos públicos: vias de acesso completamente  
asfaltadas! Absoluta garantia: Loteamento inscrito na 10.ª Circunscrição  
Imobiliária da Capital, de acordo com o Decreto Lei 58 sob n.º 48  
EDSON FONGARO Filial do Sindicato dos Corretores de Imóveis

Gleba "A" do Loteamento, com  
os serviços de terraplenagem e  
locação de lotes já concluídos,  
magnífico plano urbanístico, ruas e  
avenidas. Local indicado e pronto para  
receber construção, lugar saudável, lotes  
altos, planos e secos. Lote ligado em frente ao terreno.  
Trata-se de um excelente negócio como investimento de  
economia O JARDIM ARPOADOR agora lança à  
venda pelo seu encontro de seu desejo para resolver seu  
problema e garantir-lhe o futuro! Considere a valorização  
extraordinária que terão seus terrenos, tal como sucedeu com  
outros loteamentos próximos, e segure esta oportunidade!  
Com uma pequena parte de suas economias mensais. Você poderá  
multiplicar o seu capital, pois um terreno sempre se valoriza  
e o dinheiro perde o seu poder aquisitivo. Faça uma visita ao  
local e reserve o seu lote, garantindo, assim, um excelente negócio!

**É FÁCIL IR AO JARDIM ARPOADOR!** Acha-se a 18 e 1/2 km.  
da Praça da Sé, por estradas pavimentadas até o local. Condução dire-  
ta, tendo ponto inicial no Anhangabóu e passando em frente ao terreno.

Diariamente com os nossos corretores autorizados no Largo de Pinheiros  
**CONDUÇÃO GRATUITA**

**INFORMAÇÕES E VENDAS:**  
**IMOBILIÁRIA FONGARO**  
RUA, VENCESLAU BRAS, 146 SOBRELLOJA - 4

<sup>15</sup> GUEDES, Philipe. Prefeitura de São Paulo anuncia fechamento de AMAs e outras mudanças na saúde. São Paulo, 12 de março de 2018.

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/prefeitura-de-sp-anuncia-fechamento-de-amas-e-outras-mudancas-na-saude.ghtml>> Acesso em 15 de agosto de 2018

**Imagem X** -Anúncio publicitário do loteamento do Jardim Arpoador no Jornal Folha da Manhã<sup>16</sup>, do dia 20/11/1955. Fonte: <http://acervo.folha.com.br>. Último acesso em 12/03/2019

A partir do estabelecimento da ligação entre os primeiros núcleos originários da região, com a construção do Posto Paraná, o sentido da urbanização vai para sudoeste, com o loteamento da chamada, originalmente, Gleba II do Jardim Arpoador, na década de 60, cujos proprietários eram a família Fongaro. Em parceria com o Banco Nacional de Habitação, foram sendo projetadas as casas, por padrão geminadas, da subida da encosta do trecho sul da Rodovia Raposo Tavares, até o início do outro lado do morro, sentido Educandário. A família Fongaro está intimamente relacionada à gênese do hoje chamado Jardim Arpoador e Jardim João XXIII, em vista do fato de ser, muito provavelmente, a grande proprietária do nosso recorte, à época de seus primeiros grandes loteamentos. Seu Hely afirma que hoje em dia a família não prospera economicamente, devido ao fato de as gerações posteriores aos donos originais não terem conseguido gerir o dinheiro dos loteamentos, torrando dinheiro com apostas de cavalo, excessos, etc. Ainda assim, eles possuem terrenos/empreendimentos na região, e estão presentes nas reformas urbanas que estão ditando o ritmo da especulação imobiliária: recentemente, uma rua do bairro foi totalmente modernizada e inaugurada, e renomeada Avenida Guilherme Fongaro, em homenagem ao empresário que loteou os bairros supracitados. A antiga Avenida Um surge como um acesso ao também recente Parque Tizo. Nas imediações desta avenida, que é paralela e muito próxima ao Rodoanel, há uma concentração de galpões, comércio de pallets e empresas de logística, bem como focos de verticalização e construção de empreendimentos imobiliários.

Apesar do conteúdo publicitário, contraditoriamente a realidade passa a ser bem diferente da imagem vendida. Na década de 70, a urbanização começa a acentuar-se a partir do alto da encosta que dividia os primeiros núcleos, e com isso começam a surgir

---

<sup>16</sup> Gleba A do Loteamento com os serviços de terraplanagem e locação de lotes já concluídos. Magnífico plano urbanístico, ruas e avenidas. Local indicado e pronto para receber construção, lugar saudável, lotes altos, planos e secos (...) Considere a valorização extraordinária que terão seus terrenos, tal como sucedeu com outros loteamentos próximos, e segure essa oportunidade! Com uma pequena parte de suas economias mensais, Você poderá multiplicar o seu capital, pois um terreno sempre se valoriza e o dinheiro perde o seu poder aquisitivo. Faça uma visita ao local e reserve o seu lote, garantindo, assim, um excelente negócio! É fácil ir ao Jardim Arpoador! Acha-se a 18 e 1/2 km. da Praça da Sé, por estradas pavimentadas até o local. Condução direta, tendo ponto inicial no Anhangabaú e passando em frente ao terreno.

problemas inerentes ao crescimento desordenado da cidade de São Paulo. Data desta época o aumento do acúmulo de esgoto, principalmente no córrego que deságua no Itaim, ao lado da Rodovia Raposo Tavares. Por muitos anos o sistema de esgoto foi incipiente e não deu conta do expressivo aumento populacional do bairro. Por conta disso, esse córrego era um esgoto a céu aberto, até ser canalizado, entre as décadas de 70 e 80. Como de costume na política de lazer do Estado, este terreno, provavelmente contaminado - também por ter sido depósito de resíduos da fábrica de tintas Akzo Nobel<sup>17</sup>, virou uma grande praça, apelidada de "Gêmeas", praticamente única opção de lazer - corrida, ginástica, parque para crianças - no espaço público do Jardim Arpoador, e ponto de encontro, aos fins de tarde principalmente, da população do entorno. Essa época também é marcada pela gênese do primeiro núcleo de habitações precárias do bairro, na encosta íngreme sentido Educandário, a atual Favela da Juliante, localizada em um terreno da prefeitura onde a possibilidade de loteamento era mais difícil, desinteressante para o setor imobiliário, mas central, próxima ao Mercado Paraná, à Raposo e às poucas linhas de ônibus já existentes na época. Essa favela passou por várias transformações, mas continua existindo, e inclusive é um dos grandes "pontos turísticos" do bairro, no sentido mais negativo possível do termo<sup>18</sup>.

Com o loteamento da Gleba II, surge uma nova centralidade comercial, novas linhas de ônibus, que saíam da rua da feira mais frequentada do bairro, a feira de domingo. Os limites do bairro se expandem, a partir do meio da década de 70, num ritmo bastante acelerado, e rapidamente são loteados e ocupados os terrenos do alto da encosta divisora de águas, num movimento de urbanização que vai ao sentido da parte mais alta da região, correspondente ao Jardim João XXIII e Jardim Paulo VI. As áreas pantanosas, brejos, várzeas dos córregos afluentes ao Rio Jaguaré, como o atual Jardim Uirapuru vão sendo ocupadas por moradias precárias. Onde hoje localiza-se o CEU Uirapuru, era, bem como os prédios populares do entorno, segundo moradores antigos, uma região bastante lamacenta, que foi sendo ocupada por barracos de madeira, sem qualquer infra-estrutura. Vale ressaltar que nesse momento de crescimento urbano acelerado, começa a surgir um

---

<sup>17</sup> Folha de S. Paulo. **Solvente contamina o solo de 40 casas na região do Butantã**. São Paulo, 1 de maio de 2008. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0105200831.htm>> Acesso em 13/03/2019

<sup>18</sup> Terra notícias. **Suposto Drive-Thru de drogas é flagrado na zona oeste de São Paulo**. São Paulo, 11 de setembro de 2014. <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/vc-reporter-drive-thru-de-drogas-e-flagrado-em-sao-paulo.2ee491c91c668410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>> Acesso em 12/03/2019



novo olhar do poder público para com a região. Datam dessa última metade dos anos 70 e começo dos anos 80 a inauguração de novas creches e escolas, desvinculadas do Educandário, bem como algumas obras de saneamento e o surgimento do processo de verticalização do bairro, marcado pela construção de conjuntos habitacionais nos terrenos mais baixos, num sentido ambíguo, de conter o crescimento das favelas, promovendo uma infra-estrutura mínima e melhores condições para, ao menos, uma parcela da população local, ao passo que, principalmente nas figuras de Paulo Maluf, COHAB e Partido Arena, garantir o domínio dessa estirpe política sobre a região, num contexto de redemocratização, políticas de habitação e muito desvio de dinheiro.

Essa alta procura por terrenos, somada à política de habitação estabelecida no auge do crescimento, acentuou as ações de loteamento das áreas ainda pouco exploradas, principalmente sob a égide da iniciativa privada. Nessa época, o Parque Ipê, bairro horizontal mais elitizado, bastante arborizado e com casas maiores, tem um crescimento muito grande em seus loteamentos, que reproduzem o contato com a natureza, e de certa forma uma fuga do urbano, extremamente contraditória, já que o próprio empreendimento em si representa a transformação da natureza. Esse tipo de lógica permeou a criação da Granja Viana, em Cotia, como mostra Ana Fani Alessandri Carlos em sua dissertação de mestrado.<sup>19</sup> A busca pelo verde ironicamente no momento em que a natureza mais ia sendo transformada, gérmen do discurso ambientalista exclusor e contraditório que perdura até hoje e tem sido protagonista das já ocorridas e das iminentes transformações pela qual esse território da cidade de São Paulo vem sofrendo, como veremos adiante.

---

<sup>19</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do espaço urbano: O caso de Cotia**. Tese de Mestrado em Geografia. São Paulo, 1986



## 2.7 - Presente

“Para Oeste e Sudoeste, à medida que se afasta da margem esquerda do Pinheiros, na direção de Cotia e Itapeverica da Serra, cedo desaparecem os últimos testemunhos terciários, muito embora continue o nível de erosão de São Paulo (790 – 820 m). O relevo se movimenta gradualmente na região cristalina, assistindo-se a um amoreamento progressivo das encostas, enquanto o nível dos topos demonstra sinais iniludíveis de uma fase de peneplanização regional, provavelmente plio-pleistocênica. As planícies aluviais restringem-se aos pontos de concentração de dois ou mais córregos ou riachos, adquirindo conformação alveolar. Os terraços fluviais, de tipo ‘fill terraces’, tornam-se descontínuos e estreitos, aparecendo de preferência nos bordos das planícies alveolares, asilando invariavelmente alguns dos elementos do ‘habitat’ rural suburbano.”<sup>20</sup>

**Aziz Ab’Saber - O Sítio Urbano de São Paulo**

Neste segundo momento do capítulo, intimamente relacionado com o mergulho feito na história da constituição da ocupação do extremo oeste da capital paulista, mais propriamente dito do Jardim Arpoador e seu entorno, a tentativa será a de trazer um panorama geográfico do bairro, relacionado ao presente, sob a ótica da vida cotidiana, do que pude observar, analisar e vivenciar ao longo desses anos em que resido na região. Se por um lado essa tentativa é importante no sentido de ilustrar para o leitor que não conhece a região algumas de suas características, , tanto no sentido de perceber suas peculiaridades, quanto de situar essa região de São Paulo dentro do processo de produção urbana da cidade como um todo, *Nesse sentido pode enriquecer-se ao misturar a análise geográfica dessa porção do espaço urbano* com as marcas impostas por suas peculiaridades e características periféricas ao cotidiano do autor.

De fato, há pouquíssima bibliografia que tenha como objeto de estudo a área escolhida para este trabalho. Entretanto, ao longo da pesquisa, inúmeras questões foram surgindo. Como pudemos observar no capítulo anterior, a ocupação desse território da cidade teve algumas peculiaridades, mas no geral representou um processo semelhante no que tange a urbanização da capital paulista e de suas áreas periféricas. Por que, então, aqui o processo de urbanização vinha acontecendo de maneira lenta, e ainda pode-se dizer que

---

<sup>20</sup> AB’SABER, Aziz Nacib. **O sítio urbano de São Paulo**. In: A cidade de São Paulo vol. I, 1958, pp. 231-232.

esta área não está totalmente integrada à cidade de São Paulo? Que fatores contribuem para essa sensação, presente em muitos moradores, inclusive no autor, de que parece um território sitiado, destacado e segregado da cidade de São Paulo, ainda assim com tanta vida, tanta pulsação interna, quase uma cidade dentro da cidade? De acordo com as iminentes transformações, quais são as perspectivas para essa região da cidade?

Como afirmado anteriormente, e ilustrado na Imagem I, as próprias peculiaridades geográficas, históricas e territoriais da região, situada entre três municípios e cercada por todos os lados, por fronteiras de municipalidade, pelo Educandário Dom Duarte, o Cemitério Israelita e a Rodovia Raposo Tavares, fizeram com que colocássemos no mesmo bojo os vários bairros que constituem nossa área de estudo. Entretanto, há mais motivos para tal ação, e isso ficará mais claro ao longo do capítulo. A oferta de transporte público e seu itinerário integrador dos bairros desta região, o tipo de comércio e o próprio imaginário popular corroboraram para que a abordagem dos bairros mencionados no primeiro capítulo fossem vistos a partir de suas semelhanças, mais que por suas diferenças inerentes à singular história de sua ocupação. No que toca o relevo, como pudemos observar na citação que abre o capítulo, o amorreamento da paisagem é uma característica em comum a todos os bairros que constituem o distrito de Raposo Tavares, e isso trouxe marcas em comum, principalmente relacionadas às dificuldades de ocupação, à disponibilidade de encostas íngremes e planícies aluviais, terrenos onde a constituição de moradias precárias é mais comum e viável, devido ao desinteresse do poder público e da iniciativa privada, num primeiro momento. Os morros também limitaram o desenvolvimento de novas matrizes de transporte, como o trem e o metrô, devido aos custos necessários, como veremos mais adiante.

A partir da vivência cotidiana, é possível identificar seis centros de intensa atividade comercial e áreas cujo trânsito de pessoas é mais intenso, constituídas em períodos históricos diferentes, mas muito semelhantes em suas características principais. Cronologicamente citadas, são elas: Centro do Jardim São Jorge, cuja gênese remonta o final dos anos 50 e está intimamente relacionada ao estabelecimento do Posto Paraná, atual Supermercado Paraná; Centro do Jardim Arpoador, dos anos 60 e 70; Centro do Jardim João XXIII, dos anos 80; Centro do Parque Ipê, dos anos 80 e 90; Centro do Jardim Paulo VI e Centro do Jardim Educandário, ambas mais recentes, ocupadas com intensidade dos anos 90 em diante. Como são maiores, historicamente mais antigos e formam praticamente



um grande centro com três pólos interligados, nossa análise estará mais focada nos três primeiros centros, simbolicamente unidos na imagem a seguir, a partir das duas únicas opções de atendimento do SUS:



Imagem XI - Principal corredor comercial da região. **Fonte: Google Maps.** Data de acesso: 31/08/2018

Dentre os fatores para entender a intensidade de urbanização verificada nessa região da cidade em comparação com outras áreas da cidade onde o processo estabeleceu-se na mesma época, como na Zona Leste e na Zona Sul, podemos dizer que o relevo que condiciona a dependência da área de estudo com a Rodovia Raposo Tavares talvez seja o maior deles<sup>21</sup>. Enquanto essas outras áreas da cidade atraíram investimentos maciços no que tange a mobilidade urbana e outros tipos de transporte público, o extremo oeste da capital sempre esteve exclusivamente dependente do transporte rodoviário e da Rodovia Raposo Tavares. O fato é que a situação tem se tornado mais caótica a cada ano, e a tendência é a piora. De acordo com muitos moradores, desde o surgimento dos

<sup>21</sup> O Butantã não esteve incluído entre as rotas para as ferrovias. Conforme apontado páginas atrás, tal fato decorreria de suas terras serem terras próprias aos caminheiros e tropas de muars, visto a sua conformação geomorfológica, que possibilita o uso de seus vários interflúvios para que os caminhos se distanciem da cidade e alcancem o sertão, e serem impróprias às condições técnicas para a implantação das linhas férreas. Essa ausência de ferrovias na região só confirmara o seu caráter rodoviarista, que se fortaleceu sobremaneira após a construção da São Paulo-Paraná (Estrada de Sorocaba e, posteriormente, Rodovia Raposo Tavares) e São Paulo-Mato Grosso (“Nova” Estrada de Itu e, posteriormente, Avenida Corifeu de Azevedo Marques) e também da Estrada de M’Boy. SILVA, Marcio Rufino. **A reprodução do urbano nas tramas da metrópole: Operação Urbana Consorciada Vila Sônia** / Marcio Rufino Silva ; orientadora Amélia Luísa Damiani. - São Paulo, 2013.

Itapeperica (Avenida Professor Francisco Morato e Rodovia Régis Bittencourt)

condomínios fechados na região de Cotia e do processo de verticalização das margens da Rodovia, a cada ano, o tempo de deslocamento entre a região e o centro expandido, onde trabalha a maior parte da população residente, aumenta. Por experiência própria, posso dizer que nesses quatro últimos anos o tempo de deslocamento nos horários de pico aumentou pelo menos 30 minutos, tanto na ida, quanto na volta. Segundo pesquisa divulgada pela Rede Nossa São Paulo no Mapa de Desigualdade Social de 2017<sup>22</sup>, mais da metade dos moradores da região oeste de São Paulo afirma que gasta mais de duas horas diárias no deslocamento pela cidade. Em nenhuma outra região da cidade essa porcentagem é maior. Levando em conta a infra-estrutura de transporte público do centro expandido em seu setor oeste, é possível aferir que boa parte desses moradores enfrenta esse trânsito na área mais periférica da região. Ironicamente, em se tratando de distância absoluta, o extremo oeste da capital está mais próximo do centro do que os extremos da zona sul e leste. Além do trânsito da Rodovia, é cada vez mais comum ver focos de trânsito no próprio bairro, intimamente relacionados ao aumento da frota de automóveis resultante do estabelecimento de novos empreendimentos habitacionais verticais, principalmente na divisa com o Taboão da Serra. Há vários projetos em execução nessa região, bem como às margens da Rodovia Raposo Tavares.

A Rodovia Raposo Tavares é controlada, em seu perímetro urbano, pelo DER, órgão estadual, enquanto a operação das linhas de ônibus, bem como dos corredores, é feita pela prefeitura. Tal incompatibilidade inviabiliza o estabelecimento de um grande corredor de ônibus na Rodovia Raposo Tavares, sonho dos usuários de transporte público da região. Não há qualquer previsão de construção de uma linha de metrô ou trem que atenda a região num futuro próximo, e portanto a tendência é que o trânsito da Rodovia continue aumentando nos próximos anos. No que diz respeito à disponibilidade de linhas que atendem a região do Jardim Arpoador, podemos dizer que a situação não é ruim, e isso foi resultado de um processo de lutas sociais intensas, desde a década de 70, quando ainda era preciso andar bastante para chegar nos escassos pontos finais das linhas que atendiam à região. Apesar de todo esse processo, a iminência do novo edital de transporte público da prefeitura, divulgado sob a gestão de João Dória<sup>23</sup>, tem deixado os moradores da região

---

<sup>22</sup> REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade**. São Paulo, 2017

<<https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/mapa-da-desigualdade-2017.pdf>> Acesso em 12/03/19

<sup>23</sup> Estado de S. Paulo. **Mais cara, nova licitação de ônibus é relançada e tira 132 linhas de SP**. 6 de dezembro de 2018

temerosos, pois a previsão é de extinção, corte ou alteração de muitas das linhas em operação atualmente. A tabela abaixo pode nos dar um panorama geral:

Linha	Origem	Nome	Destino	Nova licitação
7545	Jardim Educandário via Vila Borges (Km 15 da Raposo)	Jardim João XXIII - Praça Ramos de Azevedo	Centro da cidade	MANTIDA
7903	Jardim Educandário via Jardim Cambará (Km 17 da Raposo)	Jardim João XXIII - Praça Ramos de Azevedo	Centro da cidade	EXTINTA
8610	Jardim Educandário via Jardim Arpoador (Km 19 da Raposo)	Jardim Paulo VI - Terminal Bandeira	Centro da cidade	MANTIDA
714c	Jardim Educandário via Vila Borges	Cohab Educandário – Paulista	Paulista	EXTINTA
771P	Jardim João XXIII via Jardim Cambará	Jardim João XXIII – Clínicas	Hospital das Clínicas	EXTINTA
8077 (Linha alterada recentemente)	Jardim João XXIII (Não circula pela Raposo Tavares)	Jardim João XXIII - Estação Morumbi	Estação Morumbi	MANTIDA
756A	Parque Ipê (não circula pela Raposo Tavares)	Paulo VI - E.T. Água Espreiada	Água Espreiada	MANTIDA
748r	Jardim Educandário (não circula pela Raposo Tavares)	Jardim João XXIII - Metrô Barra Funda	Barra Funda	MANTIDA
778j	Jardim Arpoador/ Jardim São Jorge	Barra Funda (via Pinheiros e Sumaré)		EXTINTA
809d	Jardim Educandário	Cohab Educandário - Terminal Pinheiros	Pinheiros	MANTIDA

<<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral.mais-cara-licitacao-do-onibus-e-relancada-e-tira-132-linhas-de-sp.70002636357>> Acesso em 12/03/2018

De forma geral, é possível aferir que a nova licitação de ônibus prevê a diminuição da operação de linhas longas atualmente existentes no bairro, em detrimento de trajetos mais curtos e mais baldeações. Esse processo, aliás, já vem acontecendo há algum tempo. As áreas atualmente atendidas tenderão a se manter, mas com menos opções, o que resultará em ônibus mais cheios e mais filas. Além disso, algumas áreas, como o Jardim Cambará e o Jardim São Jorge deverão sofrer com a falta de atendimento, pois há previsão de corte das linhas que atualmente atendem essa região. A conexão com a Rodovia Raposo Tavares pelo KM 17, segundo as confusas informações do edital, ficará comprometida. Há o esboço de uma mudança de eixo do transporte para a região do Morumbi e Vila Sônia<sup>24</sup>, que contarão com estações de Metrô da lenta expansão da Linha 4 Amarela, problemática pela infra-estrutura viária incipiente existente para a conexão entre os bairros. Na nova licitação não constam mudanças profundas no eixo de ligação com o centro expandido, nem obras de adequação viária ou sequer reflexões ou um estudo mais profundo sobre os impactos dessas iminentes transformações. As vias que ligam a região ao sudoeste da cidade, onde situa-se o Morumbi, são de difícil acesso e não permitem fluxo de ônibus de forma massiva, sem gerar transtornos.

Mudanças mais profundas relacionadas ao solucionamento do crescente trânsito da Rodovia não estão no horizonte do poder público. A palavra de ordem é modernização. A modernização da frota de ônibus, que vem acontecendo de forma lenta, com a substituição de ônibus antigos por novos com ar condicionado não condiz com o precário asfaltamento da região. É mais comum ver os ônibus novos parados por motivos de quebra, do que os antigos. Segundo os motoristas na qual tive contato, isso diz respeito ao fato de os novos ônibus terem uma complexidade maior no que toca seu sistema elétrico, e isso ficar comprometido devido à quantidade de buracos na malha viária do bairro. A potência desses novos ônibus também deixa a desejar, ainda segundo os motoristas, com relação ao relevo acidentado do bairro. A modernização também atinge os trabalhadores do setor de transportes, e a precarização das condições de trabalho com o iminente fim do cargo de cobrador, processo que já vem acontecendo nas cooperativas de vans, devido ao

---

<sup>24</sup> A Operação Urbana Butantã/Vila Sônia vem estabelecendo, a partir da construção da linha amarela do metrô, grandes transformações na margem oriental do Rio Pirajussara, que possui um relevo menos acidentado, em contraste com a margem ocidental, cujo relevo é cheio de morros. Sobre essas transformações, vale ressaltar a contribuição de Marcio Rufino Silva (2013) em sua tese de doutorado. O trabalho de Marcio foi muito importante para este presente trabalho, na medida em que faz uma minuciosa análise historiográfica da região do Butantã.

desenvolvimento de tecnologia no setor, e também ao corte de gastos, pode atingir a fluidez dos ônibus, na medida em que o motorista sobrecarrega-se ao dirigir, dar troco, autorizar a passagem pela catraca e ainda dar informações aos passageiros.

Afora os problemas iminentes, e apesar da grande oferta atual de linhas de ônibus, que conta inclusive com uma linha noturna, a população residente na região enfrenta outros desafios, no que toca a mobilidade urbana e o direito à cidade. Recentemente o prefeito de São Paulo anunciou que os passageiros que utilizam o vale transporte só poderão fazer uma baldeação gratuita.<sup>25</sup> Com o iminente encurtamento das linhas, isso tornará a ida ao trabalho mais custosa. A oferta de transporte público aos finais de semana diminui bastante, o que torna difícil a saída do morador do próprio bairro em que reside. A esse toque de recolher velado, é possível somar os corriqueiros toques de recolher e retiradas de ônibus das ruas provocadas por conflitos entre a polícia e os traficantes. É bem comum que ações violentas da polícia militar resultem em mortes de jovens, muitas vezes trabalhadores em atividades legais, e consequentemente em queima de ônibus, nos protestos decorrentes. Como a única operadora de ônibus do distrito de Raposo Tavares é a Transppass, quando ocorre tal situação, seja ela em qualquer área atendida pela empresa, há o recolhimento dos ônibus ou suspensão do atendimento no interior dos bairros, com a linhas fazendo ponto final na própria rodovia.

Se por um lado a paisagem atual estampa a generalizada desordem da ocupação acelerada da cidade ao longo das últimas décadas, paisagem comum da metrópole paulistana, por outro foi possível observar várias especificidades características de nossa área de estudo. Surge a importância, pois, nessa altura do trabalho, de aprofundar a questão da ocupação deste território, no que tange a habitação, pois o momento atual é de grandes transformações e urgentes debates e reflexões. Desde o início dos anos 2000, não há investimento público em habitação nos bairros compreendidos por esse trabalho, e a isso soma-se ainda o fato, visível ao longo da presente década, de que a demanda por moradia na região tem aumentado, por inúmeros fatores, e com isso tem havido o crescimento das favelas nos limites onde há essa possibilidade, principalmente ao sul e sudoeste do recorte. A coisa fica mais complexa ao observarmos que essas são as mesmas áreas onde ocorre

---

<sup>25</sup> Folha de São Paulo. **Covas muda regra do bilhete único e vale transporte dará só 2 embarques**. 26 de fevereiro de 2019.

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/covas-muda-regra-do-bilhete-unico-e-vale-transporte-dar-a-so-2-embarques.shtml>>



do Cemitério Israelita), primeira favela do bairro, que era maior, mas cedeu lugar a conjuntos habitacionais, construídos dos anos 80 aos 90, e uma EMEF, construída em 2003. Assim como a Juliante, as favelas situadas no mapa a norte dela possuem características e datas de ocupação semelhantes.

A legenda em rosa destaca áreas cuja regularização fundiária ainda está sendo feita, ou foi feita parcialmente. Tratam-se de áreas cuja expansão das favelas era iminente, mas o poder público conseguiu dar conta de conter, principalmente com a construção de conjuntos habitacionais, principalmente na década de 90. O retângulo maior representa o grande conjunto habitacional do Jardim Esmeralda, cuja borda oeste, vizinha ao Educandário Dom Duarte, ainda apresenta alguma favelização e tentativa de ocupação irregular. Importante destacar a área reservada assinalada no mapa, pois ali o avanço das favelas tem sido mais rápido do que a construção do conjunto, cuja área já está delimitada. A legenda em azul dá conta, parcialmente, de mostrar esse avanço, apesar de que minha impressão é de que as novas ocupações subnormais são bem maiores do que a área assinalada no mapa. O fato de algumas novas ocupações situarem-se na divisa com o Taboão da Serra, e também a rapidez com que tem se constituído, pode explicar a ausência no mapa da Secretaria Municipal de Habitação. Por fim, a grande área com legenda quadriculada delimita uma área cuja regularização fundiária foi alvo dos maiores esforços, principalmente ao longo da gestão de Marta Suplicy. Ao mesmo tempo em que a ocupação de várias áreas passou de irregular a legal, houve investimento na construção do CEU Uirapuru, de uma ETEC, bem como de conjuntos habitacionais, que puderam conter o avanço das moradias precárias nessa área, cuja iminência era bem grande no início dos anos 2000.

Em se tratando dos motivos para a chegada, com tamanha velocidade, de um novo contingente de pessoas na ocupação desses terrenos, pudemos perceber alguns fatores principais. A construção do Rodoanel, promoveu uma série de desocupações de áreas ocupadas ilegalmente em seu traçado. Uma parcela dos moradores, estimulada pela abundância de terrenos ociosos na divisa com o Taboão da Serra, construiu seus novos barracos nas encostas do morro que divide os municípios. Como apontado anteriormente, não tem havido investimento em moradias populares nos últimos anos, e isso, somado com a crise econômica atual, à inadimplência que comprometeu a expansão do programa Minha Casa Minha Vida (que vinha constituindo-se como única alternativa de construção



de loteamentos mais populares), e à fuga do aluguel, que vem aumentando no bairro, foram combustíveis suficientes para tamanho déficit habitacional e a retomada da expansão das favelas em nossa região de estudo, sobretudo nessa área apontada (mas não somente, afinal novas ocupações tem sido frequentes ao longo da Rodovia Raposo Tavares). Um outro fator é a chegada de um cada vez maior contingente de imigrantes e refugiados de diversas nacionalidades, principalmente sírios, haitianos, bolivianos e venezuelanos, que tem tentado, por inúmeros motivos, recomeçar a vida no Brasil. Durante o processo de escrita pude ter contato com várias famílias, com histórias parecidas, vivendo neste contexto.

A questão fica mais tensa ao aprofundarmos o olhar para a área em questão: apesar de supostamente esquecida nas últimas décadas, ela vem sendo alvo cada vez maior de interesse do setor imobiliário. Apesar da continuidade no desenvolvimento de empreendimentos imobiliários ao longo da rodovia não surpreender, essa área em questão possui algumas especificidades.



Imagem XIII - Área do Parque Jequitibá. Fonte: Google Maps. Acessado em 18/03/1990.



É possível observar duas grandes áreas verdes, remanescentes de Mata Atlântica, a leste do Rodoanel. A maior delas, o Parque Tizo/Jequitibá, foi transformada em parque no início da última década, e vem atraindo uma série de empreendimentos ao seu redor. Na foto aérea é possível encontrar os canteiros de obras do próprio parque, bem como vários canteiros de obras, terrenos reservados e já terraplanados. Além disso, há empreendimentos muito recentes já prontos, principalmente a oeste do Rodoanel, já pertencente a Cotia. A interação entre os moradores de nossa área de estudo com o parque é bastante limitada, não há qualquer divulgação das suas atividades, sinalização dentro do bairro que indique sua localização ou sequer menção de sua existência, e isso pode sinalizar os motivos escusos por trás da criação de uma grande área verde protegida, relacionados à gentrificação e a especulação imobiliária. Fato é que o Parque Tizo está mais presente nos folhetos dos novos empreendimentos do que no imaginário popular. O próprio discurso ambientalista por inúmeras vezes reproduz falácias que nos ajudam a entender as tensões provenientes entre ambientalismo e demandas sociais, e suas sintonias com a gentrificação. A título de exemplo, no relatório do Projeto Ambientes Verdes e Saudáveis, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, pelo Instituto Socioambiental e pela Prefeitura de São Paulo, temos um exemplo de como o discurso ambientalista pode mascarar um processo de elitização e de segregação da população periférica, que sofre com o déficit habitacional:

Entre os desafios para inverter esse quadro de carência na oferta de áreas e quantidade de parques em algumas porções da cidade, estão temas como a valorização da terra, a especulação imobiliária, o adensamento construtivo consolidado de bairros mais centrais e também de bairros irregulares e precários. Nas áreas mais periféricas, a pressão por áreas verdes preservadas para lazer surge acompanhada pela pressão de oferta de habitação, através de conjuntos habitacionais e de loteamentos. Essa mesma pressão dificulta a manutenção de áreas permeáveis, pois os projetos de urbanização de favelas e loteamentos invariavelmente optam por soluções como canalização dos corpos d'água, não incorporando questões ambientais nos seus projetos. Enfrentar essas questões está na pauta do dia, e expressa-se através do projeto de criação de novas áreas de parques e novas categorias de parques, reforçando a preocupação existente com a

questão ambiental, com a sua necessidade de preservação, e também de criação de novas áreas de lazer para a cidade<sup>26</sup>.

Na citação acima, fica muito clara a distinção feita entre a especulação imobiliária e valorização da terra, tida como um “tema”, não necessariamente ruim, e o déficit habitacional, tido como “pressão de oferta de habitação”. O texto condena o tipo de construção por trás dos conjuntos habitacionais e loteamentos pobres, mas não oferece qualquer solução para o problema, esquecendo-se de que o déficit habitacional é uma questão que deve ser olhada pelo poder público, tanto quanto as áreas verdes. Esse discurso criminalizador legitima a gentrificação, a remoção do que é inadequado.<sup>27</sup> A retórica dos empreendimentos, além do próprio investimento que pode ser feito para lidar com as questões de contaminação de solo, canalização de esgoto e etc., é de “preocupação existente com a questão ambiental”, e talvez por isso haja a impressão tão nítida de que a instituição de áreas verdes caminha no sentido de excluir o que é inadequado, abrindo espaço para novos empreendimentos, ao passo que tira do morador antigo o privilégio de usufruir da nova infra-estrutura. O Parque Tizo, no abismo entre esse tipo de discurso, as ações de gentrificação e a retórica dos empreendimentos do porvir, parece existir apenas para um morador que ainda não mora. A violência desse discurso vem atingindo em especial à Vila Nova Esperança, comunidade constituída ainda nos anos 60, à época uma comunidade semi-rural, e as novas ocupações próximas às áreas já empreendidas, ou de interesse do setor privado. Apesar de já inaugurado, o Parque ainda não conta com o acesso sul, localizado na Avenida Eiras Garcia, em frente à comunidade. Em conversa informal com os seguranças que vigiam essa entrada 24 horas por dia, a princípio para evitar invasões, ficou claro que, segundo a visão dos seguranças - e possivelmente a própria visão de quem eles representam - antes de mais nada era necessário “cuidar” do que estava do lado de fora antes de abrir o acesso. A favela mais próxima da Vila Nova Esperança foi desocupada há poucos meses. O empreendimento Conquista Amaralina, que

---

<sup>26</sup> **Parques urbanos municipais de São Paulo : subsídios para a gestão.** org. Marussia Whately. [et al.]. -- São Paulo : Prefeitura de São Paulo e Instituto Socioambiental, 2008.

<sup>27</sup> GARCIA, Janaína. **Favela em área de preservação reclama de esgoto de condomínio despejado em parque de SP.** 17 de setembro de 2012

<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/17/favela-em-area-de-preservacao-reclama-d-e-esgoto-de-condominio-despejado-em-parque-de-sp.htm>> Acesso em 15/03/19

A reportagem acima ilustra os dois pesos e medidas adotados pelo poder público em seu discurso ambientalista exclusor. No caso, o esgoto da Vila Nova Esperança causa muito mais incômodo do que o esgoto despejado por um condomínio no mesmo Parque Tizo.

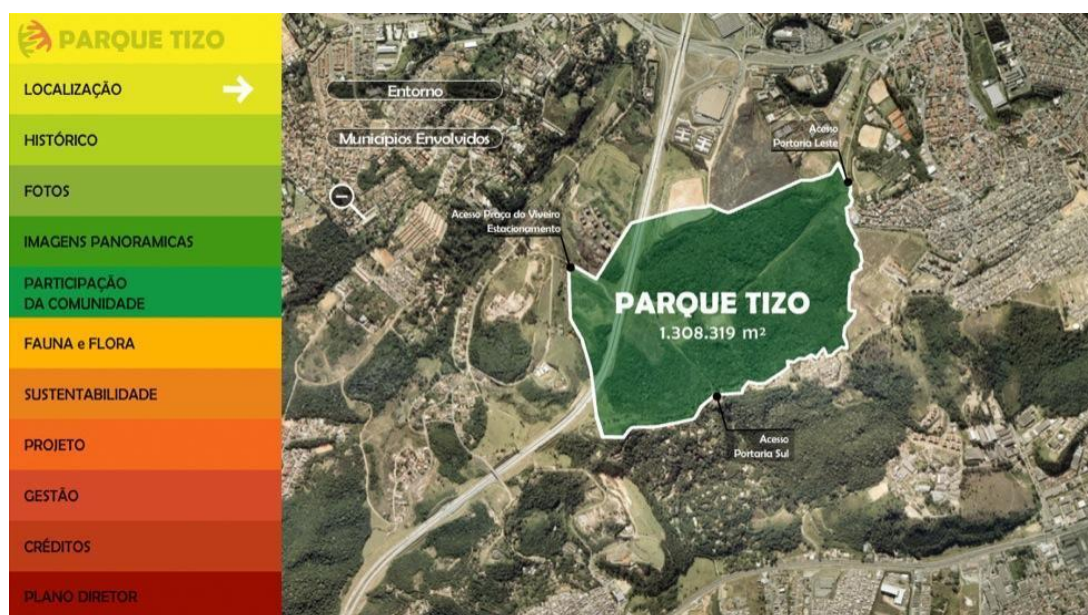
dá continuidade ao condomínio homônimo - maior canteiro de obras da última imagem, situado justamente onde está escrito Jardim Amaralina - está sendo construído numa área pertencente ao remanescente de Mata Atlântica, vizinho ao parque e à comunidade Vila Nova Esperança. Isso não conferiria um status questionável à legalidade da obra? Claramente, há dois pesos e medidas com relação ao que pode ou não e deve ou não ser feito.

Para além do interesse do setor imobiliário voltado para a construção de residenciais que surfam na falsa retórica *fugere urbem*, transformando a realidade caótica da urbanização no entorno do parque em uma peça publicitária de alheio contato com a natureza, a área ainda sofre com o interesse de grandes empresas de logística devido à construção do Rodoanel - que em sua construção expulsou muitas famílias que agora ocupam as encostas do Paulo VI. Os ecos do processo vem reverberando de forma bastante violenta no bairro. Recentemente, no final de 2018, houve a desocupação de um terreno na divisa com o Taboão, aparentemente de posse da iniciativa privada, com interesse na construção de galpões de logística.<sup>28</sup> A reportagem reforça que os moradores estavam há 3 meses ocupando o local, mas eu pude observar da janela de minha casa o processo de ocupação, que já vinha acontecendo há mais de um ano. Além disso, a suposta tranquilidade com que ocorreu a ação contrasta com a fumaça que vi subir por dias nos escombros dos barracos, derrubados por máquinas.

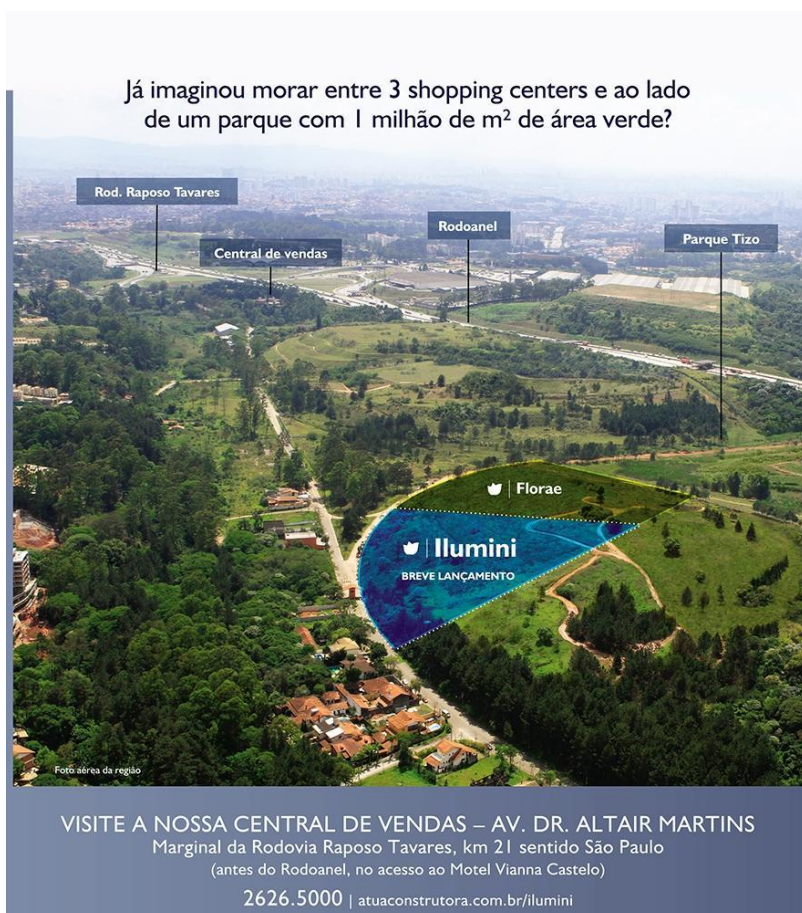
A ocupação ao lado, Morada do Sol, corre riscos de ser a próxima e a ação já tramita no fórum do Taboão da Serra, município que tem muita influência da Família Basile, solicitante da desocupação imediata. O clima entre os moradores é tenso, mas a substituição dos barracos de madeira por alvenaria segue num ritmo bastante acelerado. Localizado na encosta de um morro que consigo ver da janela de casa, sua ocupação foi facilmente perceptível ao longo desses últimos quatro anos. Quando comecei a morar no Jardim Arpoador, cerca de um terço do morro estava ocupado, majoritariamente por barracos de madeira. Agora praticamente toda a encosta possui ocupação humana, e a substituição do tipo de material das casas está praticamente completa.

---

<sup>28</sup> O Taboanense. **Mais de 2 mil famílias são removidas de terreno do Parque Laguna.** 22 de novembro de 2018  
<<https://www.otaboanense.com.br/mais-de-2-mil-familias-sao-removidas-de-terreno-no-laguna/>> Acesso em 15/03/2019



**Imagem XIV** - Em peça publicitária feita para a abertura do Parque Tizo, é possível ver vários terrenos subutilizados ou ocupados ilegalmente no entorno do parque. Disponível em: [http://getpixel.com.br/aplicativo/interativ\\_tizo.html](http://getpixel.com.br/aplicativo/interativ_tizo.html). Data de acesso: 28/02/2019



**Imagem XV** - Flyer de um empreendimento nas proximidades do Parque Tizo.

Disponível em <http://www.atuaconstrutora.com.br> . Acessado em 18/03/2019

Em contraste com a realidade do bairro, de esquecimento, aumento das dificuldades de acesso à cidade, adensamento populacional, favelização, a retórica que torna atrativa a compra de um empreendimento na região vende uma imagem que não existe. A Raposo está cada vez mais comprometida pelo aumento do fluxo de automóveis, e o Rodoanel, vendido quase como um portal para acessar a cidade de São Paulo, é importante que lembremos, faz interligação entre as rodovias, sobretudo. Se levarmos em conta que as três rodovias de acesso a São Paulo pela região Oeste ( Raposo Tavares, Régis Bittencourt e Castello Branco) vivem situações muito semelhantes de urbanização em seus trechos metropolitanos, a quantidade de carros que esse tipo de empreendimento atrai só tornará a situação cada vez pior. Peças publicitárias e marketing imobiliário à parte, resta a este trabalho tornar a alertar para a urgência do debate sobre o planejamento urbano e a questão da habitação nesta região, no que tange essa inúmera gama de transformações violentas previstas para os próximos anos. O processo de gentrificação está ocorrendo em

marcha rápida. Talvez essa curta reflexão possa ajudar, dentro e fora das aulas de geografia, a esclarecer os motivos para o clima de tensão, repressão e transformação que vem acontecendo.

A atividade comercial em nossa área de estudo é bastante intensa. Costuma-se dizer que ‘‘No João XXIII tem de tudo’’, e de fato há uma diversidade nos serviços e comércios oferecidos. Em fevereiro de 2019, pude fazer um levantamento detalhado sobre praticamente toda a atividade comercial que podem ser encontradas entre as centralidades do Jardim São Jorge, Jardim Arpoador e Jardim João XXIII (seguindo o trajeto indicado na foto aérea do começo do capítulo), trajeto que separa as duas unidades básicas de saúde que atendem a população da região, além de concentrar boa parte da atividade comercial do bairro, quase como uma linha contínua. Que fique claro que as centralidades do Jardim Paulo VI, do Parque Ipê e do Jardim Educandário não estão incluídas neste estudo, entretanto sua atividade comercial é muito semelhante, no que tange o porte e o tipo de comércio, a essas outras três. De antemão, é importante dizer que, se por um lado, os novos empreendimentos imobiliários vem aquecendo a atividade comercial da região, possivelmente inclusive trazendo novas demandas de serviços e tipos de negócios, esse processo ainda não pode ser percebido no que toca grande parte dos estabelecimentos comerciais, que ainda consistem em micro, pequenas ou médias empresas de cunho mais próximo ao familiar. Afora alguns supermercados que possuem mais de uma unidade ao longo da nossa região de estudo, ainda não nota-se grandes grupos de farmácias, óticas, academias ou grandes empresas de comércio e prestação de serviços que vem monopolizando diversos segmentos do mercado. Segue abaixo a tabela, em ordem decrescente, para que possamos aprofundar a análise e discussão:

Igreja	20
Loja de roupas e acessórios	20
Bar	18
Comércio de serviços automotivos	18
Salão de Cabeleireiro/ Clínica de estética	14
Barbearia	11
Dentista	11

Loja de material de construção	10
Lanchonete	10
Lojas de artigos variados (1,99)	9
Conserto de Celular	8
Cosméticos e perfumaria	7
Farmácia	6
Pizzaria	6
Doces e guloseimas	5
Açougue	5
Adega	5
Supermercado	5
Mercadinho	5
Chaveiro	5
Academia	4
Oficinas de motos	4
Casa do Norte	4
Sacolão	4
Elétrica	4
Distribuidor de Água/Gás	4
Veterinário/Pet Shop	4
Sorveteria	4
Restaurante	4
Papelaria	4
Conserto de roupas	3
Estúdio de Tatuagem	3
Imobiliária	3
Ferro Velho/ Reciclagem	3
Loja de móveis	3
Conserto de eletrodomésticos	3



Armazém	3
Serralheria	3
Estúdio de Tatuagem	3
Móveis usados, Banco, Ótica, Padaria, Gráfica/ Publicidade, Contabilidade, Lotérica, Galerias comerciais, Loja de ervas, Artigos religiosos, Marcenaria	2 de cada
Sapataria, Correios, Tabacaria, Auto-escola, Loja de Games, Posto de gasolina, Café, Floricultura, Advocacia, Seguros, Escolinha infantil particular, Revelação de fotos, Comércio de embalagens plásticas, Comércio de bolos, Despachante, Terreiro de Umbanda, Escola de música, Escola de inglês, Reforma de móveis	1 de cada
Imóveis comerciais para alugar	14

Creio que não seja necessário fazer uma explanação exaustiva e quantitativa dos dados colhidos em campo, mas algumas reflexões saltam aos olhos. A quantidade de igrejas - que poderia ser maior se levássemos em conta as pequenas igrejas localizadas nas proximidades do nosso trajeto - praticamente todas neopentecostais, todas com nomes e dirigentes distintos, mostra, por um lado, a busca pela fé por parte da população, mas também como esse tipo de estabelecimento tem se tornado cada vez mais atrativo e lucrativo. O bar, enquanto núcleo de convivência masculina, e o consumo de álcool e drogas, comum no cotidiano periférico, é comum e tem desenvolvido novas roupagens, atrativas à população mais jovem, como as tabacarias, barbearias e estúdios de tatuagem, quase todos também caracterizados pelo consumo etílico. Em se tratando de comércio ilegal, no mesmo percurso traçado poderíamos assinalar pelo menos quatro bocas de fumo muito próximas, de tamanhos e clientela variadas. Algumas atraem consumidores residentes desde a zona sul de São Paulo, até a região da Raposo Tavares, desde o Butantã, até Cotia e Embu. Outras, menores, são mais conhecidas pela população local. Nem todas vendem crack - droga comercializada majoritariamente na periferia da periferia - e nas proximidades das que vendem é comum encontrar centros de reciclagem. Não há qualquer tipo de investimento em coleta seletiva pública em toda a região de estudo (onde nem sequer lixeiras são encontradas nas ruas), mas a reciclagem acontece a todo vapor, e uma parcela significativa dos trabalhadores desse setor são usuários de drogas em busca de um



trocado para poder consumir. Conheci alguns, me tornei colega de outros, e a rotina é sempre a mesma: juntar recicláveis, trocar por pedra, juntar recicláveis, trocar por comida - ou mais pedra.

O esfacelamento do Sistema Único de Saúde tem aberto perspectivas para as clínicas particulares. No caso do bairro, foi surpreendente perceber a quantidade de clínicas odontológicas abertas nos últimos dois anos, justamente quando o tratamento, geral e odontológico, por parte do SUS sofreu cortes, inclusive com a iminência do fechamento das UBS Jardim São Jorge e Paulo VI. Tal processo caminha junto com uma série de retrocessos no âmbito da política social, com a perda de direitos conquistados e uma grave crise de setores como a saúde e a educação.

## Capítulo 3 - Possibilidades

Tomemos, por exemplo, a linguagem, o maior de nossos talentos. Ela nos permite ingressar no mundo luminoso e arejado dos conceitos. Mas isso tem igualmente seu preço. Este mundo de luz e de ar é também um mundo em que os ventos doutrinários se desencadeiam, destruidores. Em que, ilusórios sóis artificiais surgem do horizonte; em que, venenos de toda espécie brotam das fábricas de propaganda, das usinas de tolices. Vivendo como anfíbios, metade nos fatos e metade nas palavras, metade na experiência imediata e metade em noções abstratas, empregamos a maior parte do tempo em conseguir o que há de pior nesses dois mundos. Usamos tão mal a linguagem que nos tornamos escravos de nossos chavões e nos transformamos quer em Babbits conformados, quer em fanáticos e doutrinários. E utilizamos tão mal a experiência imediata que ficamos cegos às realidades de nossa própria natureza e insensíveis ao mundo que nos rodeia. O conhecimento abstrato que nos é dado pelas palavras, nós o pagamos com a ignorância do concreto.

**Aldous Huxley - A educação de um anfíbio**

### 3.1. Bases curriculares

A qualidade do ensino é o ponto mais importante de ser tocado neste trabalho, principalmente o ensino de geografia. Há uma série de transformações iminentes ou em curso, que vêm sendo impostas pelo poder público, principalmente no que toca os currículos escolares e o tipo de ensino que se propõe. Apesar de a reforma do ensino médio, já homologada em âmbito nacional, propor o aumento do ensino à distância, a flexibilização das matérias e o ensino técnico em detrimento do ensino médio regular, essas mudanças vêm ocorrendo lentamente e ainda não atingiram o cotidiano do Jardim Arpoador e região. Ainda assim, o currículo escolar vem sendo alvo de mudanças. Os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular<sup>29</sup> - na esfera federal - e do Currículo da

---

<sup>29</sup>Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em 12/08/2018

Cidade<sup>30</sup> - na esfera municipal - vêm sendo implantados desde o final de 2019. Pude acompanhar a chegada do material municipal e o início das discussões sobre as mudanças no currículo em uma das EMEFs da região, a EMEF João XXIII - carinhosamente apelidada de ``verdinha`` - pois participei de algumas reuniões de formação - com o conteúdo deste presente trabalho - e ouvi diversos pontos de vista a respeito do material, complementares à minha própria leitura.

É curioso notar no discurso do material o modo colaborativo e participativo com que supostamente ele foi elaborado. Apesar da EMEF João XXIII ser uma das escolas municipais de referência da região, todo o corpo docente afirmou que não houve qualquer debate profundo acerca do conteúdo do Currículo da Cidade, nem qualquer visita da Secretaria de Educação à escola no sentido de averiguar o ensino ali fomentado. Essa região do município de São Paulo, portanto, muito provavelmente, não entrou no bojo da discussão sobre o futuro da educação pública municipal. Da forma com que veio, o currículo apresenta um caráter impositor ante as atividades praticadas na escola, segundo alguns docentes, e a necessidade de mudança rápida imposta pela Secretaria de Educação vem exigindo um grande esforço por parte dos profissionais da escola. Em comparação com o currículo anterior - que boa parte dos docentes com quem tive contato elogiou e estava resistente às mudanças - muitas mudanças haveriam de ser feitas, e o ano de 2019 foi avaliado com um ano chave, já que as grandes avaliações de aprendizagem já haveriam de abordar o novo currículo a partir desse ano. É importante ressaltar o contexto em que entrei em contato com a escola: a EMEF estava prestes a fazer um evento com temática relacionada ao mês da consciência negra, e nas reuniões pude notar, ao mesmo tempo, um forte engajamento de uma parte do corpo docente com a questão racial no Brasil, bem como um clima de apreensão com relação a abordagem dessa temática no novo currículo. A discussão do currículo aconteceria nas primeiras reuniões de formação do ano, na medida em que as Provas de qualidade de ensino já teriam seu conteúdo alterado a partir de 2019. Curiosamente, portanto, o escasso tempo que se tem para formação dos professores, já subutilizado pela escola, terá que dar lugar a conversas prolongadas sobre as mudanças no currículo.

---

<sup>30</sup> A partir da análise do texto base do currículo da cidade, fica claro que ele é uma réplica da BNCC, apressadamente elaborado e lançado na esfera municipal pouco antes de João Dória licenciar-se do cargo para concorrer, e ganhar, as eleições para governador de São Paulo.

Disponível em: <<http://patiodigital.prefeitura.sp.gov.br/curriculo/>> Acesso em 15/03/2019

Afora o transtorno decorrente das mudanças no cotidiano escolar, e trazendo novamente o conteúdo das mudanças para o mote de nossa pesquisa, há que se dizer que em ambas as bases pude averiguar várias questões contraditórias, que tendem a dar cabo de discussões e projetos importantes para a educação dos jovens periféricos. A retórica do material é bastante sofisticada, e pode até parecer muito boa, em teoria. Entretanto, percebe-se a escassez de possibilidades práticas de vislumbrar o que se propõe nela. Ao analisar o material de geografia do Currículo da Cidade, pude notar que ele se apresenta quase como uma receita de bolo, que não leva em conta as especificidades da escola a qual será aplicado. De fato há uma preocupação interessante com a alfabetização espacial<sup>31</sup> - na parte final do currículo, destinada às orientações para os professores - mas ela esbarra na visão de educação calcada em ciclos. Assim como, em língua portuguesa, o ensino fundamental I é nomeado de ciclo de alfabetização, devido ao letramento dos alunos nessa época, a suposta alfabetização espacial é proposta na mesma faixa etária. Há que se dizer, em verdade, que tanto o letramento quanto a alfabetização espacial são processos contínuos, e limitá-los a ciclos traz uma série de problemas. No que diz respeito à alfabetização espacial, especificamente, o currículo deixa a cargo de uma professora polivalente fazer toda a articulação entre conceitos geográficos e a realidade cotidiana dos alunos - ainda em franco processo de desenvolvimento cognitivo e incapazes de travar debates profundos sobre a paisagem do lugar em que vivem. Tendo isto feito, os alunos, já no Ensino Fundamental II, passam a lidar de fato com os conceitos geográficos, entretanto já relacionados à matéria mais complexa e ampla - é surreal a quantidade de conteúdos propostos a cada série - e genérica, que não abarca necessariamente sua realidade, e se estende de forma homogênea sobre todo o tecido urbano municipal. Os questionamentos desse processo relacionam-se a como será o processo - se é que haverá - de formação dos professores polivalentes e seu contato tanto com a realidade do bairro na qual muitas vezes nem conhecem, quanto com os conceitos geográficos que deverão abordar com as crianças. Com relação ao segundo ciclo, é possível questionar qual é o grau de compreensão que essa criança - que só abordou sua realidade imediata na primeira e

---

<sup>31</sup> “Para desenvolver raciocínios espaciais é importante compreender diferentes territorialidades, os vínculos espaciais, a produção da paisagem, a mobilidade social e sua interação com processos da natureza. A geografia dá sustentação para a interpretação do mundo vivido. No ensino da disciplina, os temas estruturam os conceitos imprescindíveis para a compreensão da realidade e espaços. Eles permitem aos estudantes localizar e dar significação aos diferentes lugares e estabelecer relações desses com sua vida” (p.119)

segunda infância - terá das transformações da paisagem em que vive. Se levarmos em conta a quantidade de temas a serem abordados a partir de nossa área de estudo, poderíamos supor que a compreensão será muito pequena. Nesse sentido, portanto, reafirmo a importância de trabalhos como esse, na medida em que, sistematizada a história e geografia de determinada região de São Paulo, o trabalho dos docentes poderá ser mais facilmente articulado com os temas propostos em ambos os ciclos. Por isso a ideia, afirmada anteriormente, de distribuir esse material pelas escolas do bairro, como suporte à prática docente. É possível introduzir os alunos a vários conceitos e relações com a dinâmica da metrópole. A título de exemplo, poderíamos citar hidrografia, a questão da mobilidade urbana, especulação imobiliária, ambientalismo, segregação sócio-espacial. E de fato a efetividade do processo de ensino-aprendizagem seria facilitada, na medida em que se partiria do concreto ao abstrato, e não o contrário.

Ao longo do capítulo anterior foi possível pontuar diversas especificidades relacionadas à história da ocupação deste território da cidade de São Paulo, ao passo que as particularidades são intrínsecas ao próprio crescimento urbano da cidade, com suas nuances e generalizações, dentro do próprio processo de urbanização periférica brasileira e mundial. Percebe-se portanto, as inúmeras escalas e conceitos possíveis de serem abordadas nas aulas de geografia. Se por um lado as novas bases curriculares (tanto a municipal, quanto a Base Nacional Comum Curricular) dão conta de abarcar categorias de análise geográficas e habilidades específicas dentro do conteúdo pretendido para o ensino de geografia - e garantirem, no discurso, um contínuo processo de alfabetização espacial - na prática esse processo se limita aos anos iniciais da educação formal. A partir do sexto ano, o aparecimento de conceitos geográficos mais complexos, permeados pela análise de fenômenos naturais ou antrópicos de produção espacial não dá conta de articular-se a partir das diversas particularidades de uma determinada paisagem, das diversas realidades do processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia das escolas brasileiras, nem dá pista de como continuar a desenvolver o processo de alfabetização geográfica, do concreto ao abstrato, e torna-se - ou visa tornar-se - homogêneo, num sentido contrário, do abstrato ao concreto.

Até este momento o trabalho em si pretendeu trazer um apanhado de informações relevantes sobre essa área do extremo oeste da cidade de São Paulo, por alguns motivos específicos. Em primeiro lugar, pela falta de um estudo um pouco mais aprofundado sobre

essa região, a partir do escopo da geografia, também num sentido de trazer à tona um protagonismo periférico. Em segundo, para, a partir desta metodologia e da prática de pesquisa acadêmica, salientar a importância de aquilombar-se, de evidenciar que silenciosamente a periferia é alvo constante de políticas públicas e investimentos privados que transformam profundamente o cotidiano e a paisagem de uma determinada porção do território, e este é o caso do Jardim Arpoador e região. Em terceiro lugar, mais especificamente relacionado ao ensino de geografia, está o fato, observável a partir da convivência com os moradores da região e da observação da prática docente, de que a forma com que se dá a prática do ensino de geografia, a partir dos documentos oficiais lançados recentemente, torna - ou mantém - esta área do conhecimento, tão fértil de possibilidades de fortalecimento da consciência geográfica, lugar de fala e empoderamento, chata, repetitiva e ineficaz no que toca a formação de cidadania e participação ativa no cotidiano e na tomada de decisões e resistência. Os processos de transformação vão acontecendo diante dos olhos dos moradores, e eles não conseguem compreender as presentes e iminentes transformações da paisagem com profundidade, mas são extremamente afetados pelas mudanças. De que vale compreender a relação entre a sociedade e a natureza a partir de habilidades e categorias de análise, se este processo acontece de forma abstrata e sem articulação com a realidade local? Basta, por exemplo, identificar a criação de um parque numa determinada região, vê-lo como algo positivo no que toca a preservação da natureza - de acordo com as determinações objetivas das bases curriculares - se não é possível articular a gênese desta área verde com seu entorno, e as consequências e objetivos de sua criação? Neste sentido, propor ideias de trabalhos possíveis de serem feitos em sala de aula, tanto nas escolas da região, mais diretamente possíveis de serem beneficiadas com o conteúdo deste presente trabalho, quanto em outras regiões periféricas, que passam por transformações semelhantes - e a mesma imposição do conteúdo dos novos currículos, torna-se um dos principais objetivos deste trabalho.

Segue abaixo uma tabela com resumidas ideias de atividades e possibilidades didáticas, feitas a partir de algumas das habilidades propostas pela BNCC e da investigação sobre o bairro:

Habilidades	Possibilidades
<p>(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p> <p>(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.</p>	<p>É possível pensar em uma articulação entre a história e a geografia do Jardim Arpoador, no sentido de ampliar a compreensão sobre a história do bairro. Os trabalhos de campo pelo entorno da escola, a partir de lugares históricos desta porção do território, bem como os saberes e vivências trazidos pelas próprias famílias, têm bastante potência. O material deste trabalho pode ajudar.</p>
<p>(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.</p> <p>(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.</p>	<p>A sequência didática proposta no estágio (capítulo 1) baseou-se nestas habilidades, portanto pode servir de exemplo para as possibilidades de trabalhar estas habilidades no âmbito da realidade imediata dos alunos.</p>
<p>(EF07GE01) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.</p> <p>(EF07GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.</p> <p>(EF07GE09) Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.</p> <p>(EF07GE10) Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e</p>	<p>Algumas das habilidades propostas para o sétimo ano podem ser alcançadas a partir da investigação sobre a história da população do bairro, da forma com que a mídia aborda as periferias, de exercícios com caráter censitário a partir de entrevistas, trabalhos de campo, enfim. Os gráficos e mapas são importantes instrumentos geográficos para elencar e ilustrar as informações recolhidas.</p>

histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras.	
(EF08GE02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.	Esta habilidade tem potencial para colaborar no processo de dar protagonismo às histórias familiares das/dos estudantes, além de incentivar um engajamento da comunidade escolar no processo de ensino-aprendizagem.
<p>(EF08GE03) Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).</p> <p>(EF08GE10) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos.</p> <p>(EF08GE16) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.</p> <p>(EF08GE17) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.</p>	<p>A partir destas habilidades, é possível problematizar a questão do direito à cidade, as desigualdades sociais visíveis no cotidiano periférico. Além disso, traz possibilidades com relação à aproximação entre as crianças e os movimentos e agentes sociais presentes no bairro.</p> <p>Os trabalhos de campo pelo bairro, baratos e acessíveis, podem ser uma importante ferramenta para aproximar as/os estudantes de importantes personagens da região, como a Lia Esperança (Vila Nova Esperança), as hortas urbanas e os movimentos de luta por moradia, por exemplo.</p> <p>Além disso, é possível comparar e articular as observações locais com processos globais ou específicos de outras partes da cidade, do país e do mundo.</p> <p>O estudo sobre a história da ocupação do bairro tem bastante potência neste sentido.</p>
<p>(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.</p> <p>(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfofes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.</p>	<p>A aproximação entre a realidade latinoamericana e a africana são bastante significativas, na medida em que podem ampliar a compreensão, por parte das/dos estudantes, das relações étnico-raciais, do racismo, da escravidão, tendo em vista que a maior parte da população do bairro tem ascendência africana.</p> <p>Para além dos aspectos negativos, é possível trazer novas visões sobre a África, o Brasil Africano, dando protagonismo à</p>



<p>(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.</p>	<p>história do continente africano, bem como aos processos de resistência relacionados à população negra brasileira, histórica e geograficamente.</p>
<p>(EF09GE03) Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças.</p> <p>(EF09GE04) Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.</p> <p>(EF09GE05) Analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, política e cultural), comparando as diferentes interpretações: globalização e mundialização.</p>	<p>Estas habilidades também podem ser trabalhadas a partir da articulação entre a escala local e global. Levando em conta a faixa etária, já é possível propor que as/os estudantes tentem comparar e relacionar os problemas locais, bem como as formas de resistência, com escalas maiores. A cidade, o estado, o país, os outros países. O processo de globalização só pode ser compreendido de fato se for articulado à realidade imediata dos docentes.</p>

### 3.2 Para além da base

*Quem te ensinou a nadar?  
Quem te ensinou a nadar?  
Foi, foi, foi marinheiro,  
Foram os peixinhos do mar!*

**Domínio Público**

Durante todo o processo de investigação da área de estudo e escrita deste trabalho, foi possível, por um lado, ter uma ideia de como a estrutura e organização de cada escola influencia na qualidade do ensino e engajamento das/dos educadores, e por outro estabelecer uma noção de quão desinteressante é o ensino de geografia proposto, de forma

geral. Para além disso, pudemos conhecer uma série de articuladores culturais, formas de resistência e fenômenos interessantes de serem colocados em evidência. O instrumento trabalho de campo, que é mal utilizado e planejado atualmente, por falta de verbas e pelos destinos escolhidos, tem potencial para articular a sala de aula e a realidade imediata do entorno da escola. A possibilidade de fazer um trabalho de baixíssimo ou pouco custo, pois pode desenvolver-se a partir de observações da paisagem e de caminhadas, pode e deve ser um caminho para o desenvolvimento de um ensino de geografia que engaja os estudantes e preocupa-se com o entorno da escola, no que toca sua importância histórica e simbólica. O cotidiano pode ser uma dimensão de partida para o estudo de conceitos e fenômenos globais. A história e a geografia do Jardim Arpoador trazem várias potencialidades neste sentido.

É muito importante que as/os estudantes compreendam porque a paisagem está mudando tão rapidamente. E também é muito importante que saibam que há pessoas fazendo coisas incríveis pelo bairro, como as hortas urbanas, o movimento de resistência da Vila Nova Esperança diante da especulação imobiliária, o coletivo cultural do Coreto, o resgate da história do Educandário. A geografia é uma área do conhecimento muito ampla, que consegue se articular com várias outras áreas do conhecimento a partir de projetos interdisciplinares. Por que não trabalhar a produção de texto e os gêneros textuais a partir de histórias e personagens parecidos com a comunidade do bairro<sup>32</sup>? As ruas do bairro podem ser o cenário para estas histórias. E as áreas com remanescentes de Mata Atlântica? Por que não estudá-las, com relação à fauna e flora?

Para além disso, o cumprimento da Lei 10.639/2003 e a preocupação com o ensino a partir das relações étnico-raciais também tende a ser muito significativo na realidade do ensino periférico, onde a maioria das/dos estudantes é negra. A experiência no estágio da EMEF João XXIII, na época dos preparativos para a semana de Consciência Negra, mostrou que há escolas mais ou menos preocupadas com essa questão. Para aquilombar-se é preciso ter uma noção do significado dos quilombos, simbólica e historicamente.

Educação não é a mesma coisa que escola. Partindo desse pressuposto, facilmente podemos situar a instituição escolar e a educação formal, tal como as conhecemos, como

---

<sup>32</sup> Nos anexos deste trabalho é possível encontrar alguns exercícios de percepção da paisagem que talvez tragam ideias de como trabalhar a história e geografia do entorno escolar a partir da linguagem e dos gêneros linguísticos.

instituições que tiveram origem recente, são historicamente constituídas, e estão relacionadas ao processo de modernização capitalista e de urbanização, no bojo do processo de reprodução ampliada do capital, como também está a noção nuclear de família patriarcal e a de propriedade privada. A escola tal como a conhecemos assemelha-se, arquitetonicamente, hierarquicamente e cotidianamente, com a prisão e o galpão da fábrica. E num certo sentido ela não deixa de sê-los, na medida em que possui tantas grades e muros quanto as cadeias, e fabrica ignorância, desigualdade social e um exército de mão de obra reserva em série. A disciplina e o controle dentro da sociedade capitalista são uma arma poderosa do status quo, na medida em que molda os indivíduos a partir do cumprimento das ordens e das regras, a partir da alienação da existência de muitas delas. O ser que não possui senso crítico em seu olhar para o mundo que o cerca, tanto o mais tangível quanto o abstrato mundo das matérias escolares, é muito mais facilmente dominado, ainda mais se aceita as regras cegamente, sem questioná-las, passivamente cumprindo seu papel pré-estabelecido antes mesmo do nascimento. Não trata-se aqui de desobedecer as regras por si só, mas de abordar o funcionamento das coisas com uma visão crítica. No limite, a educação formal é vista apenas como uma passagem para o que realmente importa: a vida adulta e o mercado de trabalho. No âmbito da periferia e, mais propriamente dito, de nosso recorte, a precarização da educação formal reproduz a precarização com que se entra, ou não, no mercado de trabalho precarizado, com que se vive o cotidiano da cidade limitada ao percurso casa-escola ou casa-trabalho, com que se reproduz o discurso do centro e dos donos de poder sem consciência de seu veneno.

A palavra educação tem sua constituição etimológica derivada da expressão em latim EDUCARE, conjunção de EX (que significa “exterior” ou “fora”) e DUCERE (“guiar”, “instruir”). Portanto, na própria raiz da palavra percebe-se um movimento centrífugo, de dentro para fora, “guiar para fora” intimamente ligado ao próprio processo de desenvolvimento físico e cognitivo e de maturação do ser humano. Como seres humanos, não vivemos boiando no éter - apesar de às vezes a vida ser tanto um resíduo do que deveria ser, que bem parece isso - e portanto nosso desenvolvimento individual está intimamente ligado a aspectos sociais, de interação, e espaciais, de vivência dentro de um espaço determinado a partir de fatores históricos que dizem respeito ao próprio lugar em que se vive e às escolhas, ou a falta delas, por parte dos ascendentes em residir em determinado lugar.

A escola formal, tal qual constituída historicamente, é o centro dessa interação social das crianças e jovens em processo de desenvolvimento. Fora do espaço escolar, o núcleo familiar e os vizinhos e amigos - ambos intimamente relacionados à porção territorial onde vive-se o cotidiano - cumprem essa mediação entre o ser, o tempo e o espaço no processo de desenvolvimento físico e cognitivo. A escola não deve ser demonizada, na medida em que é o que existe, e devemos partir de mudanças de dentro para fora, numa análise crítica do que está posto e do que está por vir. A ideia não é criar um modelo utópico, teórico ou fora da realidade, mas levantar um debate a partir da periferia no sentido da reflexão relacionada à própria concepção de educação, subjetivamente e objetivamente.

Sobre a temática da interação social no processo de desenvolvimento do ser, muitos autores trazem interessantes contribuições, e aqui ressalto o trabalho de Liev Vigotsky. O autor, que morreu precocemente, viveu durante o contexto da Revolução Russa, foi perseguido por suas ideias perigosas, e desenvolveu seu trabalho tendo como base teórica as próprias contribuições do materialismo histórico dialético de Karl Marx. Sem a necessidade de nos alongarmos muito por ora, podemos dizer que ele percebeu a relação dialética existente entre o ser em desenvolvimento e seu meio. A interação entre o ser e os outros seres e entre o ser e o meio estabelecem-se como uma troca constante, e é nesse processo que constitui-se a formação social da mente humana. A vida social, por ser mutável e referente a realidades específicas, desenvolve as funções mentais superiores de forma singular em cada ser, sempre espacialmente e historicamente inserido. A mediação do outro, do adulto, nesse contexto de desenvolvimento cognitivo é crucial e catalisadora do processo de apreensão e internalização dos constantes novos conhecimentos ao longo da vida.

Sobre a importância do cotidiano e da memória para o processo de educação é estratégico reiterar aqui a importância da história e da geografia, não só as duas disciplinas escolares obrigatórias, mas a importância da contextualização e da consciência histórico-espacial dos seres, da visão crítica diante do passado e do presente no sentido de evidenciá-lo e transformá-lo, respectivamente. A percepção de que a produção da história e da geografia é inexorável à passagem de cada ser pelo planeta tem potência para diminuir o degrau entre as disciplinas escolares e as áreas de conhecimento acadêmico e a própria reprodução da vida cotidiana.

### 3.3 Conclusão: Geografia escolar, geografia cotidiana, cidadania e aquilombamento

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra que os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força da libertação dos oprimidos nem de si mesmos.”

**Paulo Freire - Pedagogia do oprimido**

No início deste presente trabalho, especificamente na introdução, foi pincelada a falta de articulação percebida por mim ao longo dos anos de formação, entre o bacharelado e a licenciatura oferecidas em um dos considerados como melhores cursos de graduação em geografia do país e o ato de educar, no sentido de repensar as práticas da geografia escolar. As disciplinas, obrigatórias e optativas, em sua grande maioria, oferecem uma visão de geografia a partir da pesquisa e da crise colocada no debate existencial da área - até hoje discute-se se a geografia pode ser considerada uma área científica - sem levar em conta que, ainda hoje, uma expressiva parte dos estudantes que entra no bacharelado atuará na área da educação, pública ou privada. A grande maioria decidiu fazer geografia, entretanto, ao encantar-se com a disciplina escolar, ampla e de possibilidade crítica, não com a pesquisa, que tem essa potência mas teima em falar sobre quase nada para quase ninguém. Essa distância entre a geografia que se pesquisa e a geografia que se leciona e a ausência de uma ponte perene que una o pensamento científico e a prática escolar acabam

por tornar incompleta a formação do futuro professor, na medida em que na licenciatura, fadada ao final do processo de graduação, não há de fato uma preocupação de fazer uma mediação entre o que se aprendeu no bacharelado e o processo de ensino-aprendizagem do ensino básico. Levando em conta que esse é o cenário de um dos melhores cursos de formação do país, imaginemos o tipo de formação dada nos cursos enlatados das universidades particulares, controladas por grandes grupos educacionais, onde a grande massa de mão de obra de professores e professoras do ensino básico - como estatisticamente comprovado pelos censos escolares - é formada: ensino à distância, material didático infértil, cerceamento da interação entre aluno e professor, falta de profundidade em debates pedagógicos, entre outros pontos críticos. Nesse sentido, o futuro não é promissor, como vimos anteriormente, na medida em que esse tipo de educação enlatada vem invadindo, a partir do discurso oficial, o ensino básico. As disciplinas de humanas, como a história e a geografia, tendem a ser extintas na medida em que se pretende aprofundar a relação técnica entre ensino e aprendizagem, a instrumentalização estritamente necessária à entrada marginal no mercado de trabalho. Se as disciplinas escolares são extintas, indubitavelmente enfraquecem-se os cursos universitários, muitos deles fadados a fechar em poucas décadas, ou subsistirem pelos mesmos debates tautológicos, importantes para o desenvolvimento das forças produtivas. A história vira discurso único, a geografia vira planejamento urbano.

Tendo isto posto, reitero a importância de repensar a educação a partir da interação entre o processo formal, escolar, e a própria vivência num determinado lugar e época, no sentido da transformação e tendo como lanterna a pesquisa acadêmica. A educação, para cumprir com sua etimologia, guiar para fora, e dentro desse contexto o saber histórico geográfico, deve ser instrumentalizadora da realidade, em si, no sentido de pressupor o desenvolvimento da humanidade, da cidadania, do direito à cidade e ao campo, da existência plena, da alfabetização total, das letras, números e signos, mas também a alfabetização espacial, histórica, social em seu sentido mais pleno, o da compreensão e transformação da realidade. Autores como Paulo Freire, Lana de Souza Cavalcanti, e professores como Sidneide Manfredini, Amélia Damiani, Odette Seabra e Eduardo Giroto, que pude topar - como aluno ou leitor - estão preocupados com isso, e o demonstram em sua prática docente ou trajetória acadêmica. Que esse trabalho possa ajudar a aglutinar pessoas que estejam em sintonia, a grande maioria não frequentadora de Universidades.

Aos que conseguiram acessá-la, mas ainda não se deram conta da importância social e potência transformadora de tal seletivo feito, sugeriria um momento de reflexão sobre abismos e a direção do leme. Aos geógrafos, teimo em repetir, como em toda a graduação, que não devia se gastar tanto tempo matutando com remorso o fato de a geografia, enquanto empirismo, e a própria história, enquanto memória e documentação, como ciência terem surgido a partir dos processos colonizatórios violentos, de dominação patriarcal e capitalista. É preciso tomá-las de assalto. Não é mais fértil conceber as áreas como possíveis instrumentos de resistência ao seu próprio veneno criador? A rigidez do pensamento científico, do discurso acadêmico e da hierarquia universitária mais atrapalha do que ajuda no processo de transformação da realidade. No caso das duas áreas de conhecimento supracitadas, pensá-las como algo inexorável ao ser humano, que vive impreterivelmente em um determinado espaço e tempo, pode ajudar a arejar a relação entre conhecimento popular e conhecimento científico. Por fim, acredito que é a universidade que deve se moldar à realidade, não o contrário.

Em minhas derivas, completamente complementares à graduação, pude conhecer quase todos os bairros de São Paulo, bem como muitos municípios da Grande São Paulo. Se pude mergulhar intensamente na memória e geografia do Jardim Arpoador, foi porque o destino quis assim. Poderia ter sido outro bairro qualquer, o trabalho seria bem parecido. Nesse sentido, pensar a geografia e o ensino de geografia a partir do local é algo que pode ser aplicado a todo e qualquer bairro, cidade ou região brasileira. Pensar o território brasileiro como algo homogêneo é o sonho do dominador e do discurso único. Entretanto, cada lugar guarda suas especificidades histórico-geográficas, ao mesmo tempo em que, periféricamente falando, sofrem das mesmas mazelas. Nesse sentido, reitero que esse trabalho deve ser considerado como início de algo, e ironicamente, em suas considerações iniciais, num exercício do livre pensar, como diria Millôr Fernandes, tratemos de fechar esse ciclo, agradecendo aos tantos que ajudaram esse trabalho a se concluir, dando boas vindas ao que virá.

## Anexo - Exercícios de percepção da paisagem

Os exercícios a seguir foram concebidos ao longo do processo de escrita, a partir da própria experiência como morador do bairro, com o intuito de compreender esta porção do território, no sentido de aprofundar a reflexão sobre as transformações da paisagem e o processo de formação sócio-espacial. Se por um lado representam exercícios intuitivos de compreensão e percepção da paisagem, fazem parte de uma visão de educação fortalecida principalmente pela leitura de Paulo Freire<sup>33</sup>, Lana de Souza Cavalcanti<sup>34</sup> e Amélia Damiani<sup>35</sup>. Assim como os exercícios foram muito importantes para a construção da análise deste trabalho, desde sua concepção, durante o desenvolvimento do processo de escrita foi possível perceber que eles próprios são bem ilustrativos no que diz respeito a visão sobre educação que permeia todo o trabalho, e podem servir de base para o desenvolvimento de aulas de geografia, e de uma postura ativa, e no limite literária e autoral, por parte do morador com relação ao seu cotidiano. Destrinchar a história, identificar elementos e transformações na paisagem e expressar-se sob a forma de crônicas ou qualquer tipo de expressão artística não é algo que precisa se limitar à educação ou às aulas de geografia, mas pode fazer parte de um importante processo de empoderamento, resistência e conscientização, ainda mais neste momento de retrocessos e perda de direitos conquistados.

---

<sup>33</sup> A visão sobre o processo educacional, bem como a prática pedagógica do patrono da educação no Brasil fornecem inúmeros subsídios para o fortalecimento de uma educação que parte do local ao global, no sentido de trazer à luz da consciência do oprimido seu lugar no mundo.

<sup>34</sup> Com relação à autora, geógrafa e educadora, a principal fonte de inspiração para este trabalho veio dos ensaios do livro "A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana" (Papirus, 2008), onde ela fortalece a importância da geografia dentro do processo de constituição de cidadania e direito à cidade, no bojo de um ensino de geografia que prioriza a compreensão dos fenômenos presentes na vida cotidiana.

<sup>35</sup> DAMIANI, Amélia Luisa. A geografia e a construção da cidadania. In: *A geografia na sala de aula* [S.l.: s.n.], 2006.



## Exercício 1 - Do alto da laje

O primeiro exercício deste capítulo representa a possibilidade um olhar mais atento com relação à paisagem do bairro. Acredito que a partir de algumas adaptações, no sentido de torná-lo mais complexo (articulando categorias de análise e o próprio conteúdo específico da geografia), pode ser explorado tanto no Fundamental I, quanto no Fundamental II e no Ensino Médio. No bojo das aulas de geografia, é um momento muito importante de parar e olhar ao redor - que nos parece tão trivial, mas não é tão comum quanto aparenta ser. Os jovens estudantes do bairro, em sua maioria (e isso eu obtive através de conversas com professores das escolas e alunos, pelo bairro) residem no entorno da escola em que estudam, e não saem daqui com tanta frequência. Entretanto, o conteúdo praticamente não aborda, e quando sim, não o faz com a profundidade necessária, a paisagem adjacente à escola, e a própria falta de estímulos em compreender o lugar em que se vive gera uma vida vazia, geométrica<sup>36</sup> em seus trajetos viciados. Esse olhar ao redor, carregado do vínculo estabelecido entre o morador-estudante e seu bairro, pode trazer à luz da consciência a complexidade da transformação da paisagem, bem como suas nuances e características visíveis. Não precisa tratar-se de um processo meramente descritivo, afinal naturalmente a observação da paisagem atual pode estimular o levantamento da memória que cada aluno ou aluna tem do bairro em que vive, bem como da compreensão de que ele próprio participa da produção do espaço. Se por ora a vida cotidiana apresenta-se majoritariamente como um processo passivo, a paisagem pode vir a tornar-se um espaço social, constituído a partir da cidadania e da postura ativa com relação ao lugar em que se vive. Este exercício pode ser feito a partir de fotografias, antigas ou atuais, como no exemplo abaixo, de trabalhos de campo pelo bairro, da observação do entorno escolar ou da casa de cada aluno. Pode ser um trabalho feito com certa periodicidade, pois a discussão

---

<sup>36</sup> A noção trazida por Amélia Damiani acerca de espaço geométrico e espaço social no texto citado anteriormente foi importante na elaboração deste trabalho, como um todo, e do próprio exercício. O espaço geométrico, enquanto alienador, reflete uma vida vivida passivamente, onde o indivíduo não tem consciência que é produtor do espaço que o cerca.

decorrente dessa observação pode ir tornando-se mais complexa nos diferentes ciclos escolares.

No caso específico de minha análise e observação da paisagem a partir da laje da minha casa, ela surgiu como um processo natural após a escrita dos dois primeiros capítulos, e aqui possui o caráter de ilustrar toda a análise feita anteriormente, situar o leitor que não conhece a região, elucidar para o morador, de forma objetiva, os principais elementos da paisagem e os processos de transformação do presente.

Norte:



Imagem XX: Fotografia do dia 12/03/2019. Acervo pessoal.

Na face norte de minha laje, localizada na originalmente loteada Gleba II do Jardim Arpoador (anos 60), é possível observar, ao fundo, o Pico do Jaraguá. Naquela direção está localizada a Rodovia Raposo, cruzando horizontalmente a fotografia. A rodovia cria uma fronteira entre nosso recorte e o Jardim Boa Vista, que faz fronteira com Osasco e pode ser visto à esquerda do Pico do Jaraguá. À direita do Jardim Boa Vista, uma grande área verde onde será construído o grande empreendimento Reserva Raposo, que trará impactos profundos para a região e para a rodovia, devido a sua magnitude - quantidade de famílias,

automóveis, etc. Entre os telhados mais próximos da laje e a construção à esquerda, localiza-se a Rua Coronel Rubens Reis Resende, trecho da via arterial que interliga as centralidades apontadas ao longo do capítulo, correspondente ao Jardim Arpoador. À direita, seguindo pela via, chegaríamos à parte mais antiga do recorte, o Jardim São Jorge e a Gleba I do Jardim Arpoador. Em se tratando do relevo, podemos ver o amorreamento da paisagem, como descreveu Ab'Saber em citação anterior, presente ao longo de todo nosso recorte. Entre os morros aplainados, vários cursos d'água da bacia hidrográfica do Rio Jaguaré.

Leste



Imagem XX: Fotografia do dia 12/03/2019. Acervo pessoal.

Na face leste de minha laje, uma paisagem muito rica para compreensão da ocupação do bairro. Ao longe, à esquerda, a região central da cidade de São Paulo. A grande área verde corresponde ao Educandário Dom Duarte - é possível ver algumas de suas edificações - edificado na década de 30, num terreno muito maior, originalmente. É possível perceber como ele - assim como o cemitério israelita - forma uma fronteira entre nosso recorte e os bairros mais próximos. Atrás do morro do Educandário, começa o território do Taboão da Serra. É possível perceber vários momentos da ocupação da paisagem da região, em seus diferentes padrões. As casas assobradadas e geminadas de lote dividido construídas no



empreendimento da Gleba II, com parceria do BNH, da década de 60, são majoritariamente o padrão de construção do loteamento residencial da família Fongaro, àquela época. A ocupação de caráter precário situada na vertente com maior declividade, à esquerda da fotografia, corresponde à Favela do Juliante, uma das primeiras de nosso recorte, e ponto que atrai mais pessoas - “turistas” - de outros bairros, devido ao caráter drive-thru de seu comércio ilegal. Também é possível observar diferentes padrões de prédios, todos relacionados a programas de habitação dos anos 80 e 90, que reurbanizaram a área mais baixa da favela, que tinha dimensões bem maiores anteriormente.

Oeste:



Na face oeste da laje, é possível perceber o tipo de comércio mais presente no bairro: pequenos estabelecimentos, de cunho familiar. Na foto, da direita para a esquerda, um mercadinho, um açogue, um bar e uma lojinha de artesanatos. Na fachada pintada de preto, à esquerda, um misto de barbearia, estúdio de tatuagem e lanchonete - de origem mais recente, réplica de estabelecimentos cada vez mais comuns na região central, e muito atrativo para os jovens. Abaixo do morro descampado, em direção ao horizonte, é possível ver trechos do Rodoanel, fronteira concreta, recente, que tem trazido diversas transformações à região, como pudemos apurar ao longo do trabalho. O Rodoanel também

estabeleceu uma fronteira com o município de Cotia. É possível, na fotografia, ver um condomínio de edifícios, próximos ao Rodoanel, de construção muito recente. Esse é o tipo de empreendimento residencial mais comum nas propagandas imobiliárias, e a verticalização da região a partir de um processo de especulação imobiliária e gentrificação é facilmente percebida, principalmente do Parque Ipê em direção ao Paulo VI, ao redor da Avenida Guilherme Fongaro e Vaticano. Na fotografia, inclusive, é possível ver alguns prédios menores e isolados, bem como os telhados dos loteamentos, maiores que os do Jardim Arpoador. É possível ver o aumento da arborização do bairro, em contraste às fotografias anteriores - com exceção ao Educandário e outros terrenos de cunho particular.

Sul:



Por fim, em direção ao sul, é possível observar o Jardim Paulo VI, à esquerda, e o Jardim João XXIII à direita. Os morros que separam o município de São Paulo e o de Taboão da Serra estão todos ocupados por moradias precárias. À esquerda, a Favela Serra Pelada, maior do nosso recorte, cuja ocupação já está bastante consolidada e apresenta moradias em áreas de alta declividade, cujo alto risco de ocupação já foi apontado por geólogos. À direita é possível observar o grande terreno recém-desocupado, às margens da Avenida Eiras Garcia, que passa por ali e segue, naquele sentido, em direção à Vila Nova Esperança, favela mais afastada e que não é possível de ser vista do alto de minha residência. Interessante retomar que é naquela direção que o eixo de verticalização e especulação imobiliária vem se consolidando, e é ali que encontra-se o Parque Tizo. De

fato há uma vastidão de terrenos ocupados ilegalmente que podem a qualquer momento ser desocupados. À esquerda do terreno desocupado, é possível ver outra favela. A Morada do Sol, como é chamada por vários moradores, teve um processo muito rápido de ocupação. Há quatro anos atrás, quando cheguei ao bairro do Jardim Arpoador, apenas uma pequena parte da encosta era preenchida por barracos, todos de madeira. Rapidamente foram substituídos pela alvenaria e multiplicaram-se, tomando toda a encosta. Tenho contato com alguns moradores dali, que estão bem apreensivos quanto ao futuro, na medida em que o terreno ao lado já teve sua desocupação autorizada e concretizada, e a Morada do Sol situa-se em propriedade da mesma família Basile. Ainda podemos ver, na imagem

## Exercício 2 - Exercício de percepção/comportamental

O segunda parte de exercícios deste capítulo possui certa inspiração nas formulações de Guy Debord acerca da psicogeografia em sua teoria da deriva<sup>37</sup>. Neste caso, num primeiro momento, lançamos mão de um olhar histórico e literário, sob a ótica de um passageiro de ônibus, em meados da década de 1960. Este tipo de exercício acaba sendo uma articulação importante entre o atual e o antigo morador do bairro, entre familiares e diferentes gerações, a comunidade escolar e o corpo docente e discente

### Deriva histórica e psicogeográfica

(Em parceria com Patrício Casco (morador antigo do bairro))

Estamos em 1965. Meu destino final é o Jardim Arpoador, mas não há como chegar direto ao bairro. Na Avenida Eusébio Matoso, à espera do Belém-Rebouças, linha da

---

<sup>37</sup>''Uma ou várias pessoas que se lançam à deriva renunciam, durante um tempo mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde. A parte aleatória é menos determinante do que se crê: no ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico nas cidades, com correntes constantes, pontos fixos e multidões que fazem de difícil acesso à saída de certas zonas. Mas a deriva, em seu caráter unitário, compreende o deixar levar-se em sua contradição necessária: o domínio das variáveis psicogeográficas pelo conhecimento e o cálculo de suas possibilidades. Concluído este último aspecto, os dados postos em evidência pela ecologia, ainda sendo a priori muito limitado o espaço social que esta ciência propõe estudar, não deixam de ser úteis para apoiar o pensamento psicogeográfico.'' DEBORD, Guy. Teoria da deriva (1958). In: JACQUES, P. B. (Org.). Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 87-91, 2003.

CMTC, começo a prestar atenção na paisagem ao redor. O lugar é ocupado por equipes de futebol de várzea do Areião, ponto de encontro de boleiros, tanto avulsos, como eu, quanto organizados em equipes - de Pinheiros, do Butantã e do Alto da Previdência. Pergunto-me por quanto tempo esses campos resistirão ao tal do progresso que vem transformando a terra da garoa ano a ano. No espaço ocupado pelos campos, dá até pra construir um Shopping, ou alguma dessas novidades lá dos Estados Unidos e da Europa. Tomara que não, que o futebol de várzea resista ao processo. O ônibus chega. Entro pela porta traseira, passo a catraca e me sento na janela. Ao passar pelo Rio Pinheiros, por sobre uma ponte velha, de apenas uma pista, Já sinto o cheiro cada dia pior dos dejetos da ocupação humana. Tomara que não piore tanto, quem sabe até possa melhorar. Tem gente que eu conheço que chegou a nadar. Credo.

O começo da Rodovia Raposo Tavares, que chamava até pouco tempo Rodovia São Paulo - Paraná, é marcado pelos meandros do Rio Pirajussara. Esse rio vai desaguar no Rio Pinheiros lá na Fazenda onde está sendo construída a Universidade de São Paulo. Os barões possibilitaram a criação da Universidade aqui pra esses lados do Butantã. Torço para que isso traga coisas boas pra cá.

Do lado direito da primeira subida da estrada, um grande terreno da Companhia City, ainda vazio. Parece que estão começando a definir os quarteirões. Pelo jeito devem ser casas grandes. Do lado esquerdo, os loteamentos da Previdência Social, bairro da Previdência, casas destinadas aos funcionários públicos do Estado. A construção do Palácio do Governo no Morumbi criou uma demanda de ocupação para os funcionários públicos nos arredores, e a estrada é o limite desses loteamentos.

Primeira parada do ônibus, já estou chegando no ponto final da linha. Acabei de passar pelo Instituto de Educação Estadual Virgílio Rodrigues Alves de Carvalho Pinto, o Virgílio, escola referência do ensino público da região. Do lado direito, o Morro do Querosene, com suas habitações populares, e uma enorme pedreira - que o pessoal frequenta para se banhar. Corre à boca pequena que muita gente morreu ali, de choque térmico, principalmente, e que os milicos desovam corpos. Nunca fui, nem hei de ir, também por medo. Até criação de porcos tem por aqui. Cidade doida. O ônibus fez a volta e parou na Previdência, ao lado da Paróquia São Lucas. Ponto final.

Agora preciso ir ao outro lado da rodovia. Como não tem muito trânsito de veículos, é fácil atravessar as pistas simples da Raposo. No posto Belvedere, após uma

espera de 1h, embarco no Danúbio Azul, com destino a Cotia. A paisagem, a partir daqui, torna-se cada vez mais rural. A urbanização caminha a passos mais lentos que nos bairros do lado de lá do rio, mas já dá perceber, fazendas dando lugar a inúmeros futuros quarteirões. No primeiro grande “S” da estrada, imponente, até meio assustadora, a imensa caixa d’água, no Bosque da Previdência. Do jeito que a banda toca, só esse matagal virando parque para permanecer aí.

Meu corpo é tomado de arrepios. A paisagem geográfica e o horizonte político se misturam aqui. Polícia Rodoviária. Ditadura. Asilo dos alemães. Suspeita de hóspedes nazistas. Acidentes na curva são comuns. Deus me guarde. “S” de Sinistro.

Primeira parada do Dânúbio. Posto Batalha. Parada de caminhoneiros, que pernoitam e divertem-se na *boite Bon Voyage*, boate curiosamente projetada por Oscar Niemeyer, uma bela construção de concreto armado, onde ecoam barulhos dionisiacos impúblicáveis. Dá pra respirar fundo e sentir um ar mais relaxado, em contraposição à nauseante paisagem da curva anterior.

De volta à estrada, o vento batendo na cara, motorista pisando fundo na descida para o vale da antiga Fazenda Peri Peri. Dali do alto resta, imponente, a Casa Grande, a mansão da Família Meirelles, conhecida pelos moleques como eu, que invadem pra roubar fruta e andar a cavalo, como Sítio do Seu Zézinho, provavelmente José Meirelles, dono da fazenda que faz limite com a várzea do Riacho Peri-Peri. A antiga Fazenda Peri Peri vem sendo loteada e ocupada desde os anos 50, por trabalhadores que construíram tanto as casas da Previdência, quanto o Palácio do Governo e o Estádio do Morumbi, e que, como meus tios, alguns anos depois acabaram sendo forçados pela especulação imobiliária a ocupar a Raposo Tavares rumo a oeste, já quase em Cotia. Jardim Arpoador.

Voltemos ao nosso caminho. Do alto da Raposo, olhando para o córrego, vejo a molecada brincando no Tancão do riacho. Do outro lado, a população na difícil missão de estabelecer-se nas encostas dos inúmeros morros do Jardim Pinheiros. Eita, povo guerreiro. Marcha reduzida na íngreme subida do Km 13. Os limites do horizonte vão até o alto da Vila Sônia. Dá pra ver, de novo, o Rio Pirajussara, lá no fundo. A partir daqui, o mistério começa. O Cruzeiro de Pedra do começo da subida parece um portal para um mundo desconhecido. Por aqui, não me atrevo a me embrenhar no mato. Só venho se for de ônibus. Mesmo quando brinco no Peri Peri, não me encorajo a ultrapassar essa linha divisória. Olho pra cima e vejo o mato. Do ônibus, agora, sinto o cheiro da natureza quase



virgem. O próximo núcleo de ocupação urbana, só no Jardim Maria Luiza, daqui dois quilômetros. Do outro lado do Maria Luiza, tem uma estrada: a Estrada do Educandário. É antiga, de terra, perto das plantações de mandioca, e dizem que vai dar lá na Cidade dos Menores, o tal do educandário das senhoras católicas, mas por ali até hoje nunca explorei. E olha que se for pensar bem, está a um ou dois morros lá de casa. O km 15 é o limite do que andam chamando de Grande São Paulo. Dali até Cotia, praticamente só mata, plantação, pasto e capoeira. E o Jardim Arpoador.

## Bibliografia

- AB'SABER, Aziz Nacib. **O sítio urbano de São Paulo**. In: A cidade de São Paulo vol. I, 1958
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do espaço urbano: O caso de Cotia**. Tese de Mestrado em Geografia. São Paulo, 1986
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005
- DAMIANI, Amélia Luisa. **A geografia e a construção da cidadania**. In: *A geografia na sala de aula*[S.l: s.n.], 2006.
- DEBORD, Guy. **Teoria da deriva**. 1958. In: JACQUES, P. B. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 87-91, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p
- MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- PONCIANO, L.; **450 Bairros São Paulo 450 Anos**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Senac. São Paulo
- REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade**. São Paulo, 2017
- SEABRA, Manoel. **As cooperativas agrícolas mistas do Estado de São Paulo - estudo de geografia econômica**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH. 1972
- SEABRA, Odette C. de Lima. **Os meandros dos rios nos meandros do Poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de Paulo**. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- WHATELY, Marussia (org.). **Parques urbanos municipais de São Paulo : subsídios para a gestão**. São Paulo : Prefeitura de São Paulo e Instituto Socioambiental, 2008.

